

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



ENVOLVIMENTO PATERNO, STRESS PARENTAL E APOIO SOCIAL EM PAIS DE CRIANÇAS EM IDADE ESCOLAR

Ana Isabel Lopes Arrais

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/Núcleo de Psicologia

Clínica Dinâmica)

2012

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



ENVOLVIMENTO PATERNO, STRESS PARENTAL E APOIO SOCIAL EM PAIS DE CRIANÇAS EM IDADE ESCOLAR

Ana Isabel Lopes Arrais

Dissertação Orientada pela Prof^a. Doutora Salomé Vieira Santos

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/Núcleo de Psicologia

Clínica Dinâmica)

2012

Agradecimentos

A presente Dissertação de Mestrado foi o culminar de cinco anos de aprendizagens, ainda que tenha sido sonhada ao longo de todo o curso, só foi possível torná-la real com o apoio e ajuda de algumas pessoas, a quem presto os meus mais sinceros agradecimentos, na certeza de que sem elas, esta investigação nunca se teria realizado.

À Professora Doutora Salomé Vieira Santos, por me ter acompanhado ao longo deste ano, com uma incansável dedicação e disponibilidade, pela partilha de conhecimentos e pelo rigor científico que incutiu em mim. Obrigada por ter acreditado em mim e neste estudo, e por me ter ajudado também a acreditar. Foi quem mais contribuiu para que ele se tornasse possível e agradeço-lhe sinceramente por isso, desejando, no futuro, seguir o seu exemplo de profissionalismo e rectidão.

À Directora e Professores do Agrupamento de Escolas de Coruche por todas as facilidades concedidas e por terem possibilitado que esta investigação se concretizasse.

Aos pais que participaram neste estudo, pelo tempo dispensado no preenchimento dos questionários e pelos conhecimentos que, indirectamente, me proporcionaram.

Aos meus pais e irmã pelo apoio constante durante de todo o percurso académico, e em particular ao longo deste último ano, por festejarem comigo as pequenas vitórias que ia alcançando e por me ajudarem a voltar a acreditar em mim aquando das dificuldades e fraquezas.

Resumo

O presente trabalho incide no estudo do envolvimento paterno, do stress parental e do apoio social numa amostra não-clínica de homens com filhos em idade escolar. Tem como objectivos: (1) caracterizar as dimensões em estudo em função de variáveis da criança (sexo, idade e escolaridade); (2) analisar a relação das dimensões em estudo com variáveis paternas (sociodemográficas e do envolvimento com a criança); (3) analisar a relação entre stress parental e apoio social; (4) determinar se o stress parental e o apoio social predizem o envolvimento paterno. Foram utilizados três instrumentos: Escala de Envolvimento Paterno (Simões et al., 2010a, 2010b), adaptação portuguesa do *Parenting Stress Index – Short Form* (Abidin, 1995; Santos, 2008) e a versão portuguesa da forma reduzida do *Social Support Questionnaire* (Moreira et al., 2002; Sarason et al., 1987). Foi construída uma Ficha para recolha de informação (sociodemográfica e relativa ao envolvimento com a criança). Participaram no estudo 92 homens, pais de crianças com idades compreendidas entre os 6 e os 9 anos. Os resultados mostram que os pais das crianças mais velhas (8-9 anos), comparativamente com os pais das mais novas (6-7 anos), referem um maior número de pessoas disponíveis para facultar apoio, tendendo também os pais dos rapazes a estarem mais frequentemente envolvidos ao nível da disciplina. Verificam-se ainda associações entre as dimensões em estudo e variáveis paternas específicas, sociodemográficas e referentes ao envolvimento nos cuidados e educação da criança. Adicionalmente, sobressai que existe uma relação negativa entre o stress parental (subescalas relativas aos Pais e à Interação) e o apoio social (subescala Satisfação). O estudo preditivo indica que o stress parental (subescalas referentes à Interação e à Criança) se constitui como preditor do envolvimento paterno (Cuidados e Disponibilidade) e que o apoio social (subescala Número) é também um preditor deste envolvimento (Disponibilidade). Discutem-se os resultados com base na literatura sobre a temática.

Palavras-chave: Envolvimento Paterno; Stress Parental; Apoio Social; Pais; Idade Escolar

Abstract

This work intends to study paternal involvement, parenting stress and social support in a non-clinical sample of fathers of school-aged children. The main aims are the following: (1) to characterize the dimensions under study according to child variables (gender, age and schooling); (2) to analyze the relationship between the dimensions under study and father variables (both socio-demographic and related to involvement with the child); (3) to analyze the relationship between parenting stress and social support; (4) to determine whether parenting stress and social support predict paternal involvement. Three instruments were used: the *Paternal Involvement Scale* (Simões et al., 2010a, 2010b), the Portuguese adaptation of the Parenting Stress Index – Short Form (Abidin, 1995; Santos, 2008) and the Portuguese version of the *Social Support Questionnaire* short form (Moreira et al., 2002; Sarason et al., 1987). A Form was designed in order to collect specific information (socio-demographic and related to the paternal involvement). 92 fathers of children aged 6 to 9 years participated in the study. Results show that fathers of older children (8-9 years old), in comparison with fathers of younger children (6-7 years old), refer to having more available people offering support, and fathers of boys tend to be more frequently involved in the discipline domain. Several associations between the dimensions under study and specific paternal variables, namely socio-demographic and regarding involvement in the child's care and education, have been verified. Furthermore, there is a negative relationship between parenting stress (subscales related to Parents and Interaction) and social support (subscale Satisfaction). The predictive study shows that parenting stress (subscales related to Interaction and Child) is a predictor of paternal involvement (Care and Availability), as social support (subscale Number) is of this involvement (Availability). The results are discussed in light of the literature on the subject.

Key words: Paternal Involvement; Parenting Stress; Social Support; Fathers; School Age

Índice

Introdução	1
1. Enquadramento Teórico.....	3
1.1 Paternidade.....	3
1.1.1 Definição.....	3
1.1.2 Papel do Pai na Família	3
1.2 Envolvimento Paterno.....	7
1.2.1 Definição e Conceptualização	7
1.2.2 Envolvimento Paterno em Pais de Crianças em Idade Escolar.....	11
1.3 Stress Parental.....	11
1.3.1 Definição e Conceptualização	11
1.3.2 Stress Parental e Paternidade	14
1.4 Apoio Social.....	16
1.4.1 Definição e Conceptualização.....	16
1.4.2 Apoio Social e Paternidade	19
1.5 Estudos Empíricos no Âmbito das Relações entre Envolvimento Paterno, Stress Parental e Apoio Social	21
2. Objectivos e Hipóteses.....	22
2.1 Objectivos	22
2.2 Hipóteses.....	23
3. Método	24
3.1 Participantes.....	24
3.1.1 Caracterização Sociodemográfica dos Participantes e das Crianças- Alvo.....	24
3.1.2 Caracterização do Envolvimento do Pai nos Cuidados e Educação da Criança	26
3.2 Instrumentos.....	27
3.2.1 Escala de Envolvimento Paterno (EEP).....	27
3.2.2 Índice de Stress Parental (ISP) – Versão Reduzida	28
3.2.3 Questionário de Apoio Social (QAS-R) – Versão Reduzida	29

3.2.4 Ficha de Recolha de Informação.....	29
3.3 Procedimento	30
3.4 Procedimentos Estatísticos.....	30
4. Resultados	31
4.1 Caracterização do Envolvimento Paterno, do Stress Parental e do Apoio Social em Função de Variáveis da Criança (Sexo, Idade e Escolaridade)	32
4.2 Relação do Envolvimento Paterno, do Stress Parental e do Apoio Social com Variáveis Paternas (Sociodemográficas e do Envolvimento).....	34
4.3 Relação entre o Stress Parental e o Apoio Social	36
4.4 Preditores do Envolvimento Paterno.....	36
5. Discussão	38
6. Conclusão.....	44
7. Referências Bibliográficas	47
8. Anexos	58
Anexo I – Ficha de Recolha de Informação.....	59
Anexo II – E-mail Enviado ao Agrupamento de Escolas de Coruche.....	63
Anexo III – Informação Apresentada aos Pais	65
Anexo IV – Consentimento Informado.....	67
Anexo V – Folha de Instruções Entregue aos Pais	69

Índice de Quadros

Quadro 1 – Nível de Instrução dos Participantes – Frequências (f) e Percentagens (%)	24
Quadro 2 – Grupo Profissional dos Participantes – Frequências (f) e Percentagens (%)	25
Quadro 3 – Estado Civil dos Participantes – Frequências (f) e Percentagens (%).....	25
Quadro 4 – Tipo de Família dos Participantes – Frequências (f) e Percentagens (%)	25
Quadro 5 – Ano de Escolaridade da Criança – Frequências (f) e Percentagens (%)	26
Quadro 6 – Envolvimento do Pai nos Cuidados e Educação da Criança – Frequências (f) e Percentagens (%).....	27
Quadro 7 – Envolvimento Paterno, Stress Parental e Apoio Social em Função do Sexo da Criança – Médias, Desvios-Padrão, Valores de t e p	32
Quadro 8 – Envolvimento Paterno, Stress Parental e Apoio Social em Função da Idade da Criança – Médias, Desvios-Padrão, Valores de t e p	33
Quadro 9 – Envolvimento Paterno e Stress Parental em Função do Ano de Escolaridade da Criança – Médias, Desvios-Padrão, Valores de F e p	34
Quadro 10 – Apoio Social em Função do Ano de Escolaridade da Criança – Médias, Desvios-Padrão, Valores de F e p	34
Quadro 11 – Relação do Envolvimento Paterno, do Stress Parental e do Apoio Social com Variáveis Paternas (Sociodemográficas e do Envolvimento com a Criança).....	35
Quadro 12 – Relação entre o Stress Parental e o Apoio Social	36
Quadro 13 – Predição do Envolvimento Paterno (Cuidados, Disponibilidade, Presença e Disciplina) com base no Stress Parental (Pais, Interação e Criança).....	37
Quadro 14 – Predição do Envolvimento Paterno (Cuidados, Disponibilidade, Presença e Disciplina) com base no Apoio Social (Número e Satisfação)	38

Introdução

O presente trabalho incide na análise do envolvimento paterno, do stress parental e do apoio social, numa amostra de pais (sexo masculino) de crianças em idade escolar. A escolha desta temática deve-se, em primeiro lugar, ao facto de, tradicionalmente, a investigação dirigida para a parentalidade dar primazia ao papel da mãe e à relação mãe-criança, estando o papel do pai e a relação pai-criança menos estudados do ponto de vista empírico. Apesar disso, nas últimas décadas tem-se assistido a um incremento significativo da investigação internacional neste domínio, sendo o interesse por esta área de estudo extensível a Portugal. Com efeito, no contexto português, está em crescimento a pesquisa que incide no pai, não obstante ser ainda reduzido o número de estudos que focalizam a paternidade e que a abordam de uma forma específica. Nesta sequência, o presente estudo pretende dar um contributo para aumentar o conhecimento sobre a paternidade, em particular nas dimensões analisadas e numa etapa específica do desenvolvimento da criança.

O envolvimento paterno constitui uma dimensão básica que tem vindo a ser alvo de pesquisa. Considera-se hoje que se trata de um conceito multidimensional (ver Lamb, Pleck, Charnov, & Levine, 1987), identificando Lamb et al. (1987) três componentes distintas: interacção directa, acessibilidade ou disponibilidade e responsabilidade (pelos cuidados e bem-estar da criança). Na literatura tem sido realçada a relação do envolvimento paterno com outras dimensões, designadamente relacionais e contextuais, entre elas o stress parental (e.g., Fagan, Bernd, & Whiteman, 2007; Simões, Leal, & Maroco, 2010a) e o apoio social (e.g., Fagan et al., 2007; Newland, Coyl, & Freeman, 2008). A associação do apoio social e do stress parental foi igualmente analisada (e.g., Fagan et al., 2007; ver também Vaz Serra, 2011). A investigação existente tem demonstrado que o envolvimento paterno se correlaciona negativamente com o stress parental, de tal forma que os pais com níveis mais elevados de envolvimento paterno referem níveis mais baixos de stress parental (e.g., Fagan et al., 2007; Simões et al., 2010a). No que respeita à relação entre o envolvimento paterno e o apoio social, os resultados encontrados são contraditórios, uma vez que, embora Newland et al. (2008) refiram uma associação positiva entre as duas dimensões, um estudo de Fagan et al. (2007) não aponta para uma relação significativa entre elas. Alguns autores verificam ainda que níveis mais baixos de stress parental se associam com níveis mais elevados de apoio social (Fagan et al., 2007; ver Vaz Serra, 2011).

Contudo, não só todas estas relações estão insuficientemente estudadas, como se acedeu apenas a uma investigação que foca a relação das três dimensões (envolvimento paterno, stress parental e apoio social), centrando-se ela exclusivamente em pais adolescentes (Fagan et al., 2007).

Neste sentido, o presente trabalho tem como principais objectivos, para além da caracterização das dimensões em estudo – envolvimento paterno, stress parental e apoio social – em função de variáveis da criança (idade, sexo e escolaridade), analisar, numa amostra de pais de crianças em idade escolar, a relação destas dimensões com variáveis paternas (sociodemográficas e do envolvimento), examinar a relação entre stress parental e apoio social, e determinar se o stress parental e o apoio social se constituem como preditores do envolvimento paterno.

Este trabalho encontra-se organizado em seis pontos. No primeiro ponto (enquadramento teórico) após uma explanação sobre a definição de paternidade e o papel do pai na família, definem-se envolvimento paterno, stress parental e apoio social e abordam-se modelos conceptuais específicos e com saliência no âmbito do presente trabalho, focando-se também literatura empírica que analisa as dimensões em estudo no pai e a relação entre elas.

No segundo ponto são apresentados os objectivos definidos para o estudo – gerais e específicos – e as hipóteses formuladas.

No terceiro ponto figura o método, contemplando a caracterização dos participantes, dos instrumentos e do procedimento, bem como dos procedimentos estatísticos utilizados.

O quarto e quinto pontos englobam, respectivamente, a apresentação dos resultados e a sua discussão.

Por último, no sexto ponto, expõem-se as conclusões, fazendo-se igualmente referência às limitações do estudo, e a pistas para investigação futura.

1. Enquadramento Teórico

1.1 Paternidade

1.1.1 Definição

O termo paternidade tem sido utilizado de duas formas distintas (ver revisão de literatura de Pleck, 2010). Por um lado, ele é entendido como estatuto parental (*parental status*) e, por outro, como a parentalidade paterna com “filhos sociais”. Ou seja, o uso do termo pode ser interpretado de um modo restritivo, incluindo apenas o pai biológico, ou pode ser considerado de maneira mais ampla, para incluir também os homens que funcionam como “pais sociais” para crianças que não são seus filhos biológicos. A literatura na área da psicologia tem ainda considerado este conceito como englobando dois aspectos diferentes: a presença/ ausência do pai (*father's presence status*) e o envolvimento paterno (*father's involvement*) (ver Flouri, 2005), conceito este desenvolvido posteriormente.

Ainda que nos últimos anos a investigação acerca da paternidade tenha vindo a aumentar, são poucos os estudos que fazem menção a variações individuais, o que se revela essencial uma vez que todos os pais têm características específicas que se traduzem em histórias de vida únicas, trajetórias de desenvolvimento particulares, e estilos de interação e de envolvimento distintos (Palkovitz, 2002). Porém, apesar de a “individualidade” se configurar de extrema importância, diversas investigações salientam como vantajoso o estudo de características parentais comuns e universais, dado que elas irão contribuir para o estabelecimento de um modelo de “pai ideal” (ver Marks & Palkovitz, 2004).

No momento actual tende a ser consensual entre vários autores o facto de o conceito de paternidade ser multifacetado e multi-determinado (e.g., Flouri, 2005; Lamb, 2000; Parke, cit. por Russel & Radojevic, 1992), podendo o mesmo sofrer alterações ao longo do tempo devido às mudanças que ocorrem nos contextos social e familiar (Matta & Knudson-Martin, 2006).

1.1.2 Papel do Pai na Família

Numa perspectiva clássica, o pai era encarado como aquele que detinha o poder na família, assumindo funções de representante da autoridade e da lei (ver Silva & Piccinini, 2007), e exibindo esta autoridade tanto para com os filhos como para com a esposa, que se subordinava ao marido a vários níveis, entre eles o económico, já que não trabalhava fora de

casa (Gomes & Resende, 2004). O pai permanecia afastado das funções relativas aos cuidados dos filhos (Silva & Piccinini, 2007). Contudo, esta imagem da paternidade tem vindo a ser alterada como consequência das mudanças sócio-culturais ocorridas nas últimas décadas.

Como forma de compreender estas mudanças, Lamb (2000) identifica quatro períodos históricos que refere terem sido determinantes para a visão do papel do pai nos últimos dois séculos. Apesar destes períodos reportarem à história americana, eles são úteis para compreender o fenómeno na sociedade ocidental, existindo, em diversos aspectos, sobreposição com a própria evolução na Europa.

O primeiro período, denominado época colonial, decorreu até aos primeiros tempos Republicanos. Nesta altura, o papel do pai era o de ministrar orientação moral aos filhos, de forma a garantir que estes cresciam com valores e conhecimentos religiosos apropriados, conseguidos através da leitura da bíblia, ou seja, o pai era perspectivado, sobretudo, como o que disciplinava e doutrinava (Lamb, 2000; Lamb & Tamis-Lemonda, 2004). Mintz (1998, cit. por Fitzgerald, Mann, & Barratt, 1999) indica que, durante a época colonial, o pai era também responsável por ensinar às crianças as competências necessárias para serem capazes de se sustentar, especialmente quando se tratava de pais e filhos do sexo masculino, na medida em que estes herdavam, geralmente, o negócio da família e permaneciam posteriormente responsáveis por ele. A revolução norte-americana originou o segundo período, tendo surgido então uma maior liberdade política, que conduziu à era da industrialização (ver Fitzgerald et al., 1999). Nesta era, o elemento fulcral do papel do pai modificou-se, passando da orientação moral para o auxílio e apoio financeiro do sistema familiar (Lamb & Tamis-Lemonda, 2004). A revolução industrial colocou ao pai novos desafios (Fitzgerald et al., 1999), ocorrendo uma desvalorização da subsistência agrícola até aí dominante (Lamb, 2000) que resultou na necessidade do homem abdicar dos pequenos negócios familiares e começar a trabalhar longe do espaço familiar (Fitzgerald et al., 1999). Como consequência, o pai delegou o cargo de cuidar e educar os filhos na mãe, assumindo esta uma função de cuidadora, enquanto ele adoptava uma função mais instrumental, de sustento da família (ver Cabrera, Tamis-LeMonda, Bradley, Hofferth, & Lamb, 2000).

Nesta época, a presença permanente da mãe enquanto cuidadora levou à crença de que o pai tinha pouca influência no desenvolvimento e na vida das crianças, sendo esta ideia reforçada através das investigações teóricas que emergiram ao longo de quase todo o século XX (Cabrera et al., 2000). Apesar dessa crença, a ausência do pai era referida como um factor

preocupante, pois encontrava-se relacionada com fraco rendimento escolar das crianças, gravidez precoce e comportamentos de risco na adolescência (Federal Interagency Forum on Child and Family Statistics, 1998, cit. por Cabrera et al., 2000).

O terceiro período na estruturação do papel do pai, foi concomitante à Grande Depressão e à II Guerra Mundial, período em que a literatura se focaliza no número de crianças que passaram a viver em instituições, vítimas de privação materna, e em que existe um aumento dos estudos dirigidos para os efeitos da ausência do pai, bem como para o facto de as crianças, especialmente os rapazes, terem dificuldades acrescidas quando cresciam em famílias em que a figura paterna estava ausente (Lamb, 2000). Neste sentido, aumentou a necessidade de os pais se envolverem na vida dos filhos, o que remete para o último e quarto período, que respeita às últimas décadas (Lamb, 2000). De facto, o interesse no pai, enquanto progenitor mais activo e envolvido nos cuidados dos filhos, aumentou significativamente na década de 70 (Lamb, 2000). No final desta década, surgiu uma nova preocupação com os aspectos relativos ao envolvimento do pai e ao seu papel na vida dos filhos (Lamb, 2000; Lamb & Tamis-Lemonda, 2004), que começa a traduzir-se em investigação específica, o que contrastava com as pesquisas conduzidas nas décadas anteriores, que eram escassas e focavam sobretudo, como se referiu, as consequências da ausência do pai para o desenvolvimento das crianças (ver Schoppe-Sullivan, McBride, & Ho 2004) e não a importância da sua presença.

Durante os anos oitenta e noventa as investigações incidiram especialmente no reconhecimento e descrição das mudanças que aconteceram ao nível dos comportamentos e atitudes do pai na relação estabelecida com os filhos (Lamb, 1997), sendo claro que há, na família contemporânea, uma crescente possibilidade de troca de papéis (ver Beltrame & Bottoli, 2010).

Nesta sequência, capta-se que, até ao final do século XX, ocorrem mudanças que impõem um ajustamento das crenças e também das investigações acerca dos papéis do pai, da mãe e da família (Cabrera et al., 2000). Estas mudanças tiveram na base importantes factores económicos e sociais (Monteiro, Veríssimo, Santos, & Vaughn, 2008), entre eles o movimento feminista, que levaram à imposição de novas decisões quanto aos papéis de género (e.g., Balancho, 2004; Bonney, Kelley, & Levant, 1999), à inserção crescente das mulheres no mercado de trabalho, e à modificação do papel do pai no contexto familiar (Cabrera et al., 2000).

Focando agora de forma mais específica o papel do pai na actualidade, é de referir que a temática da paternidade tem sido alvo de diversas pesquisas nas últimas décadas (e.g., Bouchard, Lee, Asgary, & Pelletier, 2007; Hall, Livingston, Henderson, Fisher, & Hines, 2007; Leal, 2005; Lee & Doherty, 2007; Marks & Palkovitz, 2004; Matta & Knudson-Martin, 2006; Palkovitz, 2007; Palkovitz & Palm, 2009; Ricci & Hodapp, 2003), reconhecendo-se hoje que o relacionamento pai-criança é tão relevante na sua influência sobre o desenvolvimento e comportamento da criança como o é a relação mãe-criança (Thompson, 2003). Não obstante, continuam a existir menos estudos dirigidos para a paternidade, comparativamente com o número dos que focalizam a relação mãe-criança (e.g., Arendell, 1996; Ford, Nalbone, Wetchler, & Sutton, 2008).

Actualmente, o homem é colocado numa posição de poder escolher ser ou não pai (Beltrame & Bottoli, 2010; Gomez, 2005), contribuindo para tal factores como o uso de métodos contraceptivos, os avanços tecnológicos na área de inseminação artificial e a inserção da mulher no mercado de trabalho (Beltrame & Bottoli, 2010). Pesquisas recentes reconhecem que os homens estão a defrontar-se com uma mudança na forma de serem pais (ver Beltrame & Bottoli, 2010; Gomes & Resende, 2004), o que os leva a assumirem novos papéis no âmbito da família (Beltrame & Bottoli, 2010; Bonney et al., 1999). Consequentemente, os últimos 30 anos foram marcados pelo aparecimento de um novo conceito de paternidade, perspectivado como o desejável (Simões et al., 2010a). Os novos pais são descritos como pais envolvidos (*involved fathers*), parecendo semelhantes aos pais da época colonial, que estavam muito presentes na vida dos filhos (ver Marks & Palkovitz, 2004).

De acordo com Rotundo (1985, cit. por Marks & Palkovitz, 2004), ainda que a mãe continue a ser a progenitora que ocupa mais tempo nos cuidados dedicados aos filhos, este novo pai participa mais activamente na rotina das crianças, envolvendo-se de forma mais evidente, e partilhando com a mulher algumas das tarefas do dia-a-dia (e.g., mudar fraldas, alimentar a criança). Adicionalmente, ele continua a assumir uma função instrumental e ocupa mais tempo na socialização com a criança (Marks & Palkovitz, 2004). Consequentemente, o pai congrega os aspectos emocionais e afectivos, bem como os instrumentais (Schoppe-Sullivan et al., 2004; ver Simões et al., 2010a).

Destaca-se, contudo, que o funcionamento do sistema familiar continua a mudar, sendo esperado que, nos próximos anos, cada vez mais crianças venham a crescer num

contexto familiar diferente, com ausência do pai biológico ou com a presença de padrasto (Cabrera et al., 2000).

Apesar dos avanços dos últimos anos na investigação, importa salientar que os estudos têm ainda algumas limitações, designadamente em termos de validade ecológica, e há tendência para se concentrarem primordialmente no tempo que os pais passam com a criança, raramente analisando a qualidade desse tempo, que se configura como um elemento tão ou mais importante (ver Fitzgerald et al., 1999), como se abordará a seguir.

1.2 Envolvimento Paterno

1.2.1 Definição e Conceptualização

Muitas das investigações referentes a mudanças relativas à paternidade, foram efectuadas pela observação e caracterização do comportamento do pai com os filhos, emergindo daí o termo de envolvimento paterno (Parke, 1996). Não existe, contudo, uma definição consensual deste conceito, o que tem condicionado de forma importante o estudo do papel do pai (e.g., ver Quinn, 1999).

Embora a investigação inicial acerca do envolvimento paterno se focalizasse exclusivamente na quantidade de tempo gasto pelos pais na interacção directa com as crianças (e.g., Featherstone, 2004), progressivamente foi surgindo a necessidade de ampliar este conceito (ver Adamsons, O'Brien, & Pasley, 2007), passando ele a incluir também a qualidade do envolvimento do pai, definida como a qualidade observada na interacção entre pai e filho/a (e.g., sensibilidade e capacidade de resposta às necessidades da criança, apoio, estímulo do desenvolvimento cognitivo) (ver Adamsons et al., 2007).

Também Lamb e Tamis-Lemonda (2004), salientam a importância da qualidade do tempo passado com os filhos, ressaltando que aquilo que realmente importa é o que os pais fazem nesse tempo. Tal reforça a crença de que aspectos qualitativos do envolvimento paterno devem ser incorporados no conceito (e.g., Lamb & Tamis-LeMonda, 2004; Pleck & Masciadrelli, 2004), para além da quantidade de tempo.

Assim, embora seja hoje reconhecido que o envolvimento paterno é um conceito multidimensional, em permanente progresso (Cabrera, Tamis-Lemonda, Lamb, & Boller, 1999), ele não é consensual, tendo sido teorizado de diferentes formas. Por exemplo, Lamb e Pleck, em meados dos anos 80, nas suas primeiras formulações, conceptualizaram o envolvimento paterno considerando três componentes principais: 1) compromisso paterno

(*paternal engagement*), 2) disponibilidade (*accessibility, availability*), e 3) responsabilidade (*responsibility*) (Lamb et al., 1987; ver também Pleck, 2002; Pleck & Masciadrelli, 2004). O primeiro componente, o compromisso paterno (*paternal engagement*), é definido como o tempo que o pai despende na interacção directa com a criança (tempo total de interacção), durante os cuidados e as actividades que realiza com esta (Pleck, 2002; Pleck & Masciadrelli, 2004). O segundo componente (*accessibility, availability*) caracteriza-se pela potencial disponibilidade dos pais para a interacção, podendo esta ser directa ou indirecta, em função de o pai estar ou não presente para a criança (Pleck & Masciadrelli, 2004). O terceiro componente (*responsibility*) diz respeito a certificar-se que as necessidades da criança estão satisfeitas como, por exemplo, procurar uma escola, um pediatra, ou mesmo providenciar roupas novas (Pleck & Masciadrelli, 2004). Este componente foi o último a ser estudado pelos autores, tendo sido operacionalizado de forma mais ampla do que o compromisso ou a disponibilidade (ver Pleck & Masciadrelli, 2004). A razão para tal, prende-se com o facto de a definição de Lamb et al. (1987) incluir a responsabilidade quer enquanto processo (certificar-se que a criança é cuidada), quer enquanto tipo de actividade (cuidados indirectos). Neste sentido, o processo de responsabilidade envolve compreender e planear o que é necessário fazer para satisfazer as necessidades da criança, sendo ilustrado por Walzer's (1996, cit. por Pleck, 2002) como “conscienciosidade parental” (*parental consciousness*) e “cuidados mentais para com o bebé” (*mental baby care*). Por outro lado, o cuidado indirecto envolve actividades realizadas para a criança, mas que não implicam interacção directa com esta (e.g., providenciar serviços de saúde para a criança, organizar e planear os serviços de que ela necessita) (Pleck, 2002).

Esta conceptualização, considerada como a mais importante para a pesquisa na área do envolvimento paterno (Pleck, 2007; Schoppe-Sullivan et al., 2004), é amplamente utilizada (Pleck, 2002), embora tenha sido alvo de algumas críticas (Schoppe-Sullivan et al., 2004). Com efeito, por exemplo, Hawkins e Palkovitz (1999) defendem que a conceptualização de Lamb et al. (1987) é limitada e unidimensional. Hawkins, Bradford, Palkovitz, Christiansen, Day e Call (2002) reiteram que o envolvimento paterno é multidimensional, e que inclui componentes afectivos, cognitivos e éticos.

Com base no modelo de Lamb et al. (1987), mas com o objectivo de expandir e reconstruir o conceito, Palkovitz (2002, cit. por Cabrera, Fitzgerald, Bradley, & Roggman, 2007), conceptualiza o envolvimento paterno como englobando três domínios sobrepostos (cognitivo, afectivo e comportamental). O autor sugere então que os pais podem estar

envolvidos com os seus filhos de quinze maneiras diferentes, por exemplo, comunicação, controlo/accompanhamento, ensino, envolvimento em processos de pensamento, demonstração de afecto, protecção, apoio emocional, execução de pequenas tarefas, partilha de interesses, mostrar-se disponível, planear e partilhar actividades (ver Cabrera, Fitzgerald et al., 2007).

Todavia, existem modelos que se centram em aspectos mais específicos do envolvimento paterno, em detrimento de outros. Como exemplo, refira-se a perspectiva de Paquette (2004), que dá especial importância ao comportamento de socialização do pai, considerado central para a paternidade, salientando o facto de este se envolver mais em brincadeiras físicas e estimulantes, não mediadas por brinquedos.

Como se referiu antes, conceptualizações mais recentes assumem a importância da qualidade do tempo que os pais passam com os filhos (e.g., Lamb & Tamis-LeMonda, 2004), sendo que a qualidade e a quantidade de tempo passado com a criança se associam com o envolvimento paterno positivo (Cabrera et al., 2000). Este tipo de envolvimento tem subjacente uma reconceptualização do conceito *paternal engagement*, e remete para as actividades positivas vividas na relação com a criança (Pleck, 2002) que parecem ter consequências positivas para o seu desenvolvimento (Cabrera et al., 2000). Contudo, estas conceptualizações mais recentes conduzem a uma dificuldade acrescida na criação de medidas válidas e fiáveis, capazes de medir todas as dimensões do envolvimento paterno (Parke, 2002; Schoppe-Sullivan et al., 2004).

Tendo em conta que o papel do pai é, tal como já foi mencionado, multi-determinado, torna-se fundamental considerar vários factores na sua explicação e compreensão (e.g., Adamsons et al., 2007; Cabrera, Fitzgerald et al., 2007; Featherstone, 2004; Lamb, 1987; Lima, 2008; Matta & Knudson-Martin, 2006; Parke, 1996; Parke, 2002; Roggman, Boyce, Cook, & Cook, 2002), já que os pais não decidem simplesmente se estão envolvidos, ou não, com os seus filhos, sendo influenciados por um conjunto de factores (Parke, 1996).

Assim, o envolvimento paterno depende não só da vontade do próprio indivíduo, mas também de outros factores, como por exemplo, das suas características individuais, das da criança, e de factores contextuais (Cabrera, Fitzgerald et al., 2007; Parke, 1996; Parke, 2002). Exemplifica-se a seguir a relação do envolvimento paterno apenas com características individuais dado a sua maior saliência para o presente trabalho. No que se refere a estas, mencione-se a importância de variáveis sociodemográficas como a idade, a escolaridade ou a raça/etnia (Adamsons et al., 2007). Relativamente à raça/etnia, demonstrou-se que pais de

raças/etnias minoritárias (negra e hispânica) tendem a assumir uma maior responsabilidade com os cuidados dos filhos, em comparação com pais de raça caucasiana (Hofferth, 2003). Já no que se refere à idade do pai, os resultados são contraditórios. Com efeito, existem, por um lado, evidências empíricas de que os pais mais jovens estão mais envolvidos com os filhos (comparativamente com os pais mais velhos), demonstrando maior flexibilidade no tipo de actividades que desenvolvem e estando mais disponíveis para executar tarefas domésticas e para manter contacto directo com as crianças (ver Marks & Palkovitz, 2004). Por outro lado, alguns autores (e.g., Lima, 2008; Parke, 1996) defendem que os pais mais velhos interagem mais com as crianças, estando mais acessíveis do que os pais mais jovens. Foram também encontradas associações entre o envolvimento paterno e a escolaridade do pai, verificando-se que pais mais escolarizados e que exercem cargos de maior prestígio estão mais envolvidos com as crianças (ver Roggman et al., 2002). Demonstra-se, por exemplo, que os pais com níveis de escolaridade mais elevados se envolvem mais nos cuidados da criança (ver Simões et al., 2010a) e mostram mais entusiasmo e conhecimento das necessidades de desenvolvimento destas, quando comparados com pais com níveis de escolaridade mais baixos (Cabrera, Shannon, & Tamis-LeMonda, 2007). Também o número de horas de trabalho se correlaciona negativamente com o envolvimento paterno (Roggman et al., 2002).

Por seu turno, no que se refere a variáveis relacionadas com a criança, sobressai que os resultados das investigações que analisam a relação do sexo da criança com o envolvimento paterno são inconsistentes. Lytton e Romey (1991, cit. por Lima, 2008), numa meta-análise de 172 estudos, encontraram poucas diferenças significativas na forma como os pais cuidavam dos filhos e das filhas. Também no estudo de Santos (2011) não se obteve uma relação significativa entre o envolvimento paterno e o sexo da criança. Porém, outros estudos (e.g., ver revisão de Lamb, 2000), demonstraram que o envolvimento do pai é maior com os filhos do que com as filhas.

O número de filhos em casa também influencia o envolvimento paterno, existindo um menor envolvimento quando o número de crianças na família é mais elevado (ver Simões et al., 2010a). Contudo, o estudo de Mehall, Spinrad, Eisenberg e Gaertner (2009) sugere que, quando existem mais crianças na família, os pais se envolvem mais, principalmente quando se trata de crianças mais velhas, recaindo sobre a mãe a responsabilidade pelos cuidados às crianças mais novas.

1.2.2 Envolvimento Paterno em Pais de Crianças em Idade Escolar

Alguns estudos focalizam a importância do envolvimento paterno em crianças em idade escolar (e.g., Biller & Kimpton, 1997; Coley, 1998; Pleck, 2002). Por exemplo, Coley (1998) analisou as experiências relatadas por pais de 111 crianças a frequentarem o 3º e 4º anos de escolaridade e averiguou que as crianças que referiram ter um maior envolvimento com o pai apresentaram melhor desempenho académico, bem como mais comportamentos pró-sociais no grupo de pares.

Uma outra investigação, realizada por Biller e Kimpton (1997), concluiu que as crianças em idade escolar, de ambos os sexos, cujos pais tinham um maior envolvimento, apresentaram mais competências motoras e maior habilidade em tarefas manipulativas. Também Pleck (2002) refere que um envolvimento paterno positivo, respostas afectivas adequadas e um controlo também ajustado, se associam com resultados positivos em termos do desenvolvimento da criança.

Um estudo de Amato e Gilbreth (1999, cit. por Cia, D’Affonseca, & Barham, 2004), confirma os dados anteriores com crianças de idades compreendidas entre os 10 e os 14 anos, ressaltando que o preditor mais significativo do desenvolvimento infantil saudável é a qualidade do relacionamento, e não apenas a quantidade de interacção.

Parece, então, que um envolvimento adequado entre pai e filho/a poderá constituir-se como um factor de protecção para o desenvolvimento da criança em diferentes áreas.

1.3 Stress Parental

1.3.1 Definição e Conceptualização

Ser mãe ou pai é gratificante para a maioria das pessoas. Contudo, em qualquer família o nascimento de uma nova criança traz mudanças que se repercutem na dinâmica familiar. Não obstante estas mudanças poderem ser positivas, elas são susceptíveis de originar stress (Palkovitz, 2002), uma vez que, ao longo do tempo, os pais são confrontados com situações diversas (Hung, Wu, & Yeh, 2004), relativas, por exemplo, à educação, cuidados ou aspectos comportamentais, que podem suscitar frustração e ansiedade (Crnic & Greenberg, 1990).

O stress parental pode ser definido como uma reacção psicológica adversa, perante as exigências de se ser mãe ou pai, experimentando-se sentimentos negativos, acerca do próprio e da criança, sentimentos estes que são directamente atribuídos às exigências da parentalidade

(Deater-Deckard, 1998, p. 315). Ele tem sido perspectivado como um factor capaz de causar uma parentalidade disfuncional (e.g., Abidin, 1995; Ostberg & Hagekull, 2000), afectando o bem-estar tanto dos pais como das crianças (e.g., Abidin, 1992; Crnic & Greenberg, 1990).

O stress parental pode resultar dos comportamentos disfuncionais dos pais (e.g., Abidin, 1995; Noppe, Noppe, & Hughes, 1990) ou das características comportamentais da criança (e.g., Abidin, 1995), exercendo ambos uma influência negativa sobre a qualidade da interacção figura materna-criança, uma vez que afectam a capacidade parental para avaliar as necessidades da criança e fornecer-lhe as respostas adequadas (ver Copeland & Harbaugh, 2005).

Abordam-se a seguir algumas perspectivas conceptuais que auxiliam no entendimento do stress parental, em termos das suas causas e consequências para o comportamento parental e para o desenvolvimento das crianças.

Não existe consenso sobre a conceptualização do stress em geral, ocorrendo idêntica tendência quando se considera o stress parental (Crnic & Low, 2002). Contudo, todos os modelos englobam diversos factores, considerando-se que ele é multideterminado, envolvendo, por isso, elevada complexidade (e.g., Abidin, 1995; Belsky, 1984; Crnic, Gaze, & Hoffman, 2005; Mash & Johnston, 1990).

O stress parental tem sido conceptualizado de acordo com duas perspectivas distintas: uma focada no impacto dos pequenos acontecimentos do dia-a-dia, passíveis de causar frustração (*daily hassles*), também denominados acontecimentos *minor* (e.g., Crnic & Greenberg, 1990; Crnic & Low, 2002; Crnic et al., 2005) e uma outra mais centrada nas relações pais-filhos, com ênfase também nos acontecimentos *major* (e.g., Abidin, 1995; Crnic et al., 2005). Esta última perspectiva será a mais destacada no âmbito deste trabalho, dado ser ela que enquadra o modelo teórico subjacente ao instrumento utilizado para analisar o stress parental, o *Parenting Stress Index*, em particular a sua versão reduzida (Abidin, 1995).

Apesar de não se ir dar saliência à perspectiva dos acontecimentos do dia-a-dia, refira-se que a sua importância tem sido exemplificada em diversos estudos como, a título ilustrativo, o de Kanner, Coyne, Schaefer e Lazarus (1981, cit. por Ostberg & Hagekull, 2000), em que se conclui que estes acontecimentos são preditores de sintomas psicológicos. Por sua vez, Crnic e Greenberg (1990) referem que os acontecimentos diários causadores de stress são capazes de explicar problemas da criança, dos pais e ainda da família, pois embora situações específicas possam ser pouco significativas isoladamente, os seus efeitos

cumulativos são susceptíveis de gerar stress (Crnic & Greenberg, 1990), tendo este stress efeitos a curto e a longo prazo, tanto nos pais como na criança (Deater-Deckard, 2005).

Belsky (1984) desenvolveu um modelo que, apesar de incidir nos determinantes da parentalidade, tem sido utilizado para o estudo do stress parental. O autor identificou três componentes: características parentais (e.g., personalidade), características da criança (e.g., personalidade e desenvolvimento) e características contextuais (relação conjugal, apoio social, trabalho). Estes componentes influenciam de forma directa a parentalidade, que, por sua vez, vai influenciar o desenvolvimento da criança, sendo ela influenciada de forma indirecta pela história de desenvolvimento dos pais. A relação entre a personalidade da figura parental e os factores contextuais é bidireccional. Este é um modelo complexo, que remete para a parentalidade enquanto multi-determinada, ainda que as características dos pais, da criança e os factores contextuais não assumam igual influência na promoção de uma parentalidade positiva ou disfuncional.

No âmbito da perspectiva centrada nas interacções pais-criança, dá-se em seguida saliência ao modelo de stress parental de R. Abidin (1995), por estar subjacente ao desenvolvimento do *Parenting Stress Index* (PSI), instrumento cuja versão reduzida foi utilizada no presente estudo. Abidin propõe um modelo multidimensional, defendendo que contribuem para o stress parental, no caso do modelo relativo à versão longa do instrumento, características da criança, características dos pais, bem como variáveis situacionais que se relacionam directamente com o papel parental (Abidin, 1990, 1992, 1995). No que respeita às características da criança, o autor especificou quatro áreas relacionadas com o temperamento - maleabilidade de adaptação, exigência, humor e distracção/hiperactividade -, e duas de tipo interactivo - aceitação da criança e reforço aos pais; no que se refere às características dos pais, o autor destacou três áreas - depressão, sentido de competência e vinculação parental; por último, identifica como variáveis situacionais principais para o stress parental, a relação com marido/mulher, o apoio social, a saúde parental e a restrição do papel (Abidin, 1995; Abidin & Santos, 2003).

O autor valoriza também a percepção que as figuras parentais têm dos acontecimentos capazes de gerar stress, ou seja, importam não só as características objectivas dos acontecimentos, mas também a avaliação que os pais fazem destas características (Abidin, 1990, 1995). O stress parental é, assim, o resultado de uma série de avaliações feitas por cada uma das figuras parentais no âmbito do seu nível de comprometimento com o papel parental (Abidin, 1992).

Como se referiu, no presente estudo será utilizada a versão reduzida do PSI, que tem subjacente um modelo simplificado do exposto anteriormente. Este modelo tem em consideração, de forma global, as características da criança, dos pais, e da interacção pais-criança, integrando três dimensões como determinantes do comportamento parental – dificuldades parentais, criança difícil e interacção disfuncional pais-criança¹ (Abidin, 1995). Estabelecem-se relações bidireccionais entre todas elas, influenciando directamente o comportamento parental e indirectamente o funcionamento da criança (Abidin, 1995).

O autor menciona que, quando os níveis de stress parental são muito elevados, eles tornam-se um factor capaz de fomentar uma parentalidade disfuncional (Abidin, 1992), mas refere também que o stress parental pode ter um carácter positivo, quando encarado como uma variável motivacional, capaz de estimular uma procura e utilização, por parte dos pais, dos recursos que possuem, e que funcionam como forma de proteger e promover uma parentalidade saudável (Abidin, 1992).

Segundo Harmon e Perry (2011) o modelo de R. Abidin tem a seu favor o facto de ir mais além do que os modelos desenvolvidos anteriormente, destacando a importância de um conjunto de variáveis (anteriormente mencionadas) que podem originar o stress parental.

1.3.2 Stress Parental e Paternidade

A pesquisa sobre o stress parental tem-se concentrado sobretudo no estudo das mães, porém, nas últimas duas décadas houve um incremento no número de estudos que integram o pai, explorando-se as diferenças entre mães e pais, no que respeita ao stress parental (Deater-Deckard & Scarr, 1996).

Em seguida, serão referidos os resultados de estudos realizados com amostras não-clínicas e clínicas, começando por se fazer menção aos primeiros. Num estudo de Baker, Perilla e Norris (2001), cujo objectivo era analisar os preditores do stress parental, separadamente para pais e mães, verificou-se, através do instrumento *The Parenting Stress Scale*, que os homens relataram níveis mais baixos de stress parental, quando comparados com as mulheres. Em consonância com estes resultados, num estudo de Santos (2001), que inclui mães e pais de crianças em idade escolar sem problemas identificados, mas em que se utiliza um instrumento distinto do usado no estudo anterior (adaptação portuguesa do *Parenting Stress Index-PSI*), verificou-se que as mães obtiveram resultados

¹ No ponto 4 – Resultados, as designações destas dimensões são apresentadas de forma simplificada como *Pais*, *Criança* e *Interacção*, respectivamente.

significativamente mais elevados do que os pais na quase totalidade das medidas, indicativos de níveis superiores de stress. Por sua vez, Crnic e Booth (1991, cit. por Crnic & Low, 2002), referem que os níveis de stress parental não diferem consoante o sexo do progenitor.

Focando agora alguns estudos realizados com amostras clínicas, Benzies, Harris e Magill-Evans (2004), conduziram uma pesquisa em que foi utilizado o PSI e que visava a relação entre o stress parental experimentado pela mãe e pelo pai durante o primeiro ano de vida da criança e os problemas de comportamento desta aos 7 anos de idade. Os resultados apontam para que o stress parental decorrente das características da criança prediz o impacto do comportamento da criança tanto na mãe como no pai; os pais (homens) relataram níveis de stress parental mais baixos no domínio que remete para as características parentais e estes níveis relacionam-se com um aumento de problemas de comportamento da criança aos 7 anos de idade. Segundo os autores, tal pode eventualmente dever-se ao facto de os pais não estarem muito envolvidos com a criança durante o primeiro ano, sendo a mãe a principal prestadora de cuidados durante este período. Sugerem ainda que níveis mais elevados de stress corresponderiam, por hipótese, ao facto de os pais serem mais activos no cumprimento das suas funções parentais, o que diminuiria, no futuro, a existência de problemas de comportamento nas crianças.

Baker (1994), num estudo em que também houve o recurso ao PSI, com 20 casais cujos filhos apresentavam Perturbação de Hiperactividade com Défice de Atenção, concluiu que existia uma diferença, embora pouco significativa, entre os níveis de stress das mães e dos pais, ficando patente que as mães, comparativamente com os pais, sentiam a doença dos filhos como geradora de mais stress.

Também num outro estudo com população clínica, Oelofsen e Richardson (2006), recorrendo ao *Parenting Stress Index – Short Form* (PSI-SF), concluem que as figuras parentais de crianças com problemas de desenvolvimento manifestam níveis elevados de stress parental, mas que a mãe relata níveis um pouco mais altos do que o pai. Por sua vez, Macias, Saylor, Haire e Bell (2007), verificaram, usando o mesmo instrumento (PSI-SF), que as mães e os pais de crianças com Defeitos do Tubo Neural demonstram níveis comparáveis de stress parental.

Em geral, os estudos dirigidos para o stress parental em mães e pais tendem a conduzir a resultados inconsistentes (ainda que a tendência seja para os pais obterem resultados mais baixos do que as mães), não se tendo acedido a estudos que focalizem o stress parental apenas no pai, designadamente no caso de amostras não-clínicas, o que

acentua a pertinência de se desenvolver pesquisa nesta área, de forma a que seja possível uma melhor compreensão do stress experimentado pelo pai no desempenho do papel parental e dos factores potencialmente influentes. A presente investigação pretende dar um contributo neste âmbito.

1.4 Apoio Social

1.4.1 Definição e Conceptualização

A definição de apoio social não tem sido consensual, salientando-se que os investigadores dão ênfase a aspectos distintos (Kessler, Price, & Wortman, 1985). Contudo, actualmente ele é considerado um conceito multidimensional, estando confirmada a importância de o indivíduo se sentir amado, valorizado e aceite (Sarason, Levine, Basham, & Sarason, 1983), e do conforto, auxílio ou informação recebida através dos contactos sociais formais ou informais dos indivíduos (Wallston, Alagna, DeVellis, & DeVellis, 1983).

Apresentam-se a seguir definições do conceito, segundo a perspectiva de diferentes autores, para uma melhor compreensão do mesmo.

Cobb (1976) define o apoio social como «a informação que leva a pessoa a acreditar que é amada, estimada e que pertence a uma rede de obrigações mútuas» (p.18). Por sua vez, segundo Caplan (1974, cit. por Sarason et al., 1983), o apoio social diz respeito a um padrão estável de relações permanentes ou periódicas, que cumprem uma função primordial na conservação da saúde física e psicológica do sujeito ao longo do tempo. Para Bergman et al. (1990, cit. por Vaz Serra, 2011), ele engloba a quantidade de apoio e a ligação que o indivíduo mantém com os outros, que é visível através da intensidade das relações estabelecidas, da frequência com que comunicam e do nível de satisfação percebido pelo próprio. Cutrona (1996, cit. por Vaz Serra, 2011) refere que todas as definições de apoio social têm subjacente que as pessoas “devem confiar umas nas outras (...)” porque, sozinho, um indivíduo não tem capacidade para responder a todas as suas necessidades, o que o leva a precisar da ajuda dos outros.

Segundo Sarason et al. (1983) e Sarason, Sarason, Shearin e Pierce (1987), o apoio social engloba dois componentes essenciais: a percepção do sujeito acerca do número de pessoas a quem pode recorrer para pedir ajuda, e o grau de satisfação do indivíduo com a sua rede de apoio social – o modelo conceptual destes autores será explorado posteriormente.

O conceito de apoio social é complexo, existindo diversas abordagens teóricas, nem sempre coincidentes, mas, apesar disso, é unânime a consideração do apoio social como um conceito multidimensional (e.g., Heath, 2004; Ribeiro, 1999; Sarason et al., 1983; Stroebe, 1995; Vaz Serra, 2011).

O apoio social tem sido conceptualizado de acordo sobretudo com duas perspectivas: enquanto estrutura das relações interpessoais do indivíduo e em termos das funções que as relações interpessoais têm para o indivíduo (ver Stroebe, 1995). A perspectiva estrutural remete para a inclusão do indivíduo num determinado contexto social, e é avaliada pelo número de relacionamentos sociais que o indivíduo mantém, tendendo a ser fácil de medir, uma vez que é objectiva e precisa; a perspectiva funcional incide na avaliação das funções específicas das relações interpessoais (ver Stroebe, 1995).

Da revisão de literatura de Vaz Serra (2011) sobressai que vários autores defendem a existência de seis tipos de apoio social: 1) apoio afectivo – tem como consequência um sentimento de carinho e aceitação por parte dos outros, relacionando-se positivamente com um aumento da auto-estima; 2) apoio emocional – sentimentos de amparo e de confiança/segurança; 3) apoio perceptivo – auxilia o indivíduo a perceber o seu problema de forma mais ajustada e realista; 4) apoio informativo – transmissão de informações e opiniões que ajudam a pessoa na análise de situações complexas e dúbias; 5) apoio instrumental – auxílio directo através da prestação de recursos (materiais, serviços, etc.) úteis na resolução de um problema; 6) apoio de convívio social – convívio com outras pessoas, através de actividades que proporcionam bem-estar e atenuam as frustrações e angústias quotidianas, fazendo com que o individuo se sinta integrado numa rede social.

Já Weiss (1974, cit. por Sarason et al., 1983) propunha seis componentes do apoio social: a intimidade, integração social, suporte afectivo, mérito, aliança e orientação, embora estes componentes ainda não tenham sido todos operacionalizados.

Ribeiro (1999) refere o artigo de Dunst e Trivette de 1990, no qual os autores examinam os principais componentes do apoio, bem como as relações entre eles. Distinguem duas formas de apoio social: informal (indivíduos e grupos sociais que fornecem apoio nas actividades quotidianas) e formal (organizações sociais e profissionais que estão organizados para fornecer auxílio às pessoas necessitadas). Os mesmos autores sugerem ainda a existência de cinco componentes do apoio social que estão associados: constitucional, relacional, funcional, estrutural e satisfação.

Por sua vez, Cramer, Henderson, e Scott (1997, cit. por Ribeiro, 1999) diferenciam entre apoio social percebido (aquele que o indivíduo entende como disponível caso necessite) *versus* apoio social recebido (apoio que foi fornecido por alguém).

Vaz Serra (2011) faz referência ao trabalho de 1993 de Hobfoll e Vaux, onde os autores conceptualizam o apoio social como abrangendo: 1) recursos da rede social - relações sociais existentes e que podem ser utilizadas quando ocorre um problema, garantindo uma pertença permanente a um grupo social; 2) comportamento de apoio - recursos que se trocam entre, pelo menos, duas pessoas (a que recebe o apoio e a outra que o dá), tendo como finalidade satisfazer aquele que o recebe; 3) avaliação subjectiva do apoio - percepção que o sujeito tem do apoio que recebe dos outros; mais importante do que a própria experiência do apoio, é a forma como o sujeito a percebe e o significado que lhe atribui. Este significado pode levar a que o sujeito o perceba como insuficiente, ausente, positivo ou negativo, útil ou não (Vaz Serra, 2011). O facto do sujeito perceber o apoio que recebe como suficiente, em situações de necessidade, relaciona-se positivamente com a presença de bem-estar no indivíduo (ver Vaz Serra, 2011).

De acordo com a perspectiva de Sarason et al. (1983), que está subjacente à construção do instrumento utilizado no presente estudo para avaliar o apoio social (*Social Support Questionnaire* – versão reduzida), ele é perspectivado como um construto global. Com efeito, não obstante vários autores distinguirem diversos componentes do apoio social, como antes se referiu, Sarason et al. (1983) consideram que o apoio social congrega sempre dois componentes essenciais: (a) a percepção de que existe um número de pessoas disponíveis para auxiliar quando tal for necessário e (b) a satisfação relativamente ao apoio social disponível. Especificam que a avaliação dos estudos que analisam medidas de diferentes componentes do apoio social não conduzem, em geral, a diferenças entre constructos, sendo os dois referidos (número de pessoas disponíveis e satisfação com o apoio) os que se salientam como principais, daí a ênfase que lhe atribuem, para além de serem, também, os que se associam com o bem-estar de modo mais consistente.

No que respeita ao primeiro componente – percepção do apoio social disponível, que, como se referiu, corresponde ao número de pessoas disponíveis para auxiliar quando necessário (Sarason et al., 1983; Sarason & Sarason, 1982) –, ele é influenciado pela personalidade de cada indivíduo. Com efeito, enquanto uns indivíduos defendem que apenas uma rede social de grandes dimensões será capaz de proporcionar um apoio adequado, outros consideram que apenas uma pessoa é suficiente (Sarason et al., 1983). No âmbito deste

componente, Sarason, Pierce, Shearin, Sarason e Waltz (1991) realizaram dois estudos onde concluíram que a percepção de apoio social disponível não diz respeito apenas aos relacionamentos existentes, esta é antes uma interacção entre a personalidade do indivíduo e as diferentes relações desenvolvidas ao longo das interacções sociais. Os autores referem ainda que a percepção do apoio social disponível corresponde a uma adaptação cognitiva que resulta das experiências dos indivíduos que, por sua vez, levam a modelos operantes (*working models*) de si mesmos e dos outros – englobam a auto-identidade e as expectativas que têm acerca das relações (do que os outros têm para oferecer e do que os próprios têm para dar). Ainda relacionado com este aspecto, Pierce, Sarason e Sarason (1991) concluíram que a percepção global do apoio social disponível difere das percepções relativas às relações sociais específicas, tendo estas um impacto diferenciado na vida dos indivíduos.

De acordo com Sarason et al. (1983), também o segundo componente do apoio social – satisfação com o apoio disponível – pode estar associado com aspectos relacionados com a personalidade, tais como a auto-estima e o facto de o indivíduo ter a percepção de que consegue controlar e prever o contexto que o rodeia. Focando a relação deste componente com a personalidade do indivíduo, Sarason, Shearin et al. (1987, cit. por Jou & Fukada, 1996) realizaram um estudo em que concluíram que a satisfação com o apoio social disponível se correlaciona negativamente com o neuroticismo, ou seja, os indivíduos com maior neuroticismo relatam estar menos satisfeitos com a sua rede de apoio social.

Como antes se referiu, estes autores desenvolveram o instrumento *Social Support Questionnaire*, que tem como objectivo quantificar as dimensões número de pessoas e satisfação com o apoio social (Sarason et al., 1983). Construíram depois uma versão reduzida do instrumento (Sarason et al., 1987), cuja adaptação portuguesa (Moreira, Andrez, Moleira, Silva, Aguiar, & Bernardes, 2002) será utilizada na presente investigação.

Para terminar, refira-se que a influência do apoio social na saúde do indivíduo é um aspecto consensual (e.g., Cobb, 1976; Cohen, 1988, cit. por Ribeiro, 1999; Rodrigues, & Madeira, 2009; Siqueira, 2008; Wallston et al., 1983), estando associado a um menor risco quer de doença mental e física, quer de mortalidade (ver também Stroebe, 1995), promovendo maior bem-estar.

1.4.2 Apoio Social e Paternidade

Não foram encontrados estudos acerca do apoio social em pais de crianças em idade escolar (em amostras não-clínicas), o que reforça a pertinência do presente estudo. Todavia,

alguns estudos reportam-se ao apoio social em amostras clínicas, designadamente em pais de crianças com problemas de saúde. Por exemplo, Simons, Ingerski e Janicke (2007) realizaram um estudo-piloto com pais e mães de crianças que iam ser submetidas a transplantes múltiplos, concluindo que o maior apoio social das mães se relaciona com níveis mais baixos de perturbação psicológica (*psychological distress*), ainda que o mesmo não se tenha verificado para os pais, relativamente aos quais não se encontrou qualquer relação entre ambas as variáveis.

Num outro estudo, de Sloper (2000, cit. por Wijnberg-Williams, Kamps, Klip, & Hoekstra-Weebers, 2006), realizado com progenitores de crianças com cancro, verificou-se a existência de uma relação significativa entre percepção do apoio social e perturbação psicológica (*psychological distress*) nas mães, mas não nos pais. Em contraste, o estudo de Hoekstra-Weebers et al. (2001, cit. por Wijnberg-Williams et al., 2006) conclui que existe uma relação entre a insatisfação com o apoio social e a perturbação psicológica dos pais, mas não das mães.

Num estudo longitudinal desenvolvido por Wijnberg-Williams et al. (2006), cuja amostra é composta por figuras parentais de crianças com cancro, e em que houve quatro momentos de avaliação (no momento do diagnóstico, 6 meses após, 12 meses depois e 5 anos mais tarde), foram explorados os efeitos do apoio social na perturbação psicológica de pais e mães. Os resultados apontam para o facto de o apoio social ser maior no momento do diagnóstico, tanto nas mães como nos pais, apesar de as mães experimentarem interações mais positivas. Cinco anos após o diagnóstico, a insatisfação com o apoio social e o estabelecimento de interações menos positivas relacionam-se com uma maior perturbação psicológica dos pais, o que não acontece com as mães. Como tal, a relação do apoio social com a perturbação psicológica pode variar ao longo do tempo e ser diferente nos pais e mães.

Os estudos mencionados, que focam apenas amostras clínicas, apresentam alguns resultados dissonantes, para além de incidirem sobretudo na comparação entre pais e mães, não sendo dada uma atenção específica aos progenitores do sexo masculino. O presente estudo pretende, assim, contribuir para uma melhor compreensão do apoio social em pais (homens) de crianças em idade escolar sem problemas identificados.

1.5 Estudos Empíricos no Âmbito das Relações entre Envolvimento Paterno, Stress Parental e Apoio Social

Na revisão de literatura empreendida apenas se encontrou um estudo empírico que relaciona o envolvimento paterno, o stress parental e o apoio social com amostras não-clínicas (Fagan et al., 2007), concluindo-se que níveis mais baixos de stress parental se associam com maior envolvimento paterno e com níveis mais altos de apoio social. Contudo, este estudo integra apenas pais adolescentes. Existem, no entanto, alguns estudos que analisam as dimensões em causa duas a duas, pelo que irão ser abordados em seguida.

No que respeita à *relação entre o envolvimento paterno e o stress parental*, um estudo realizado por Simões et al. (2010a), mostra que existe uma associação negativa entre o envolvimento paterno e o stress parental. Neste estudo, os pais não mostraram dificuldades acrescidas no que respeita à paternidade. Com efeito, apesar de estarem patentes algumas preocupações acerca dos recursos pessoais exigidos para o cumprimento do papel de “bons pais” (particularmente em termos do tempo disponível e da energia e competências necessárias), estas preocupações eram consideradas "normais" entre os pais mais conscientes das suas responsabilidades parentais. Por sua vez, no estudo de Fagan et al. (2007), com pais adolescentes, verificou-se que os homens que registaram níveis mais altos de envolvimento pré-natal durante a gravidez, relataram níveis significativamente mais baixos de stress parental após o nascimento da criança.

Relativamente à *relação entre o envolvimento paterno e o apoio social*, Newland et al. (2008) realizaram um estudo onde relacionaram variáveis contextuais do pai (entre elas o apoio social) com o comportamento parental. Os resultados indicam que o apoio social do pai era um dos preditores das relações de vinculação seguras da criança. Os autores concluíram também que o facto de o pai recorrer ao apoio de amigos se associava positivamente com o seu envolvimento em actividades com os filhos. Este dado vai na linha de outros resultados sugestivos de que as relações sociais distais (apoio da família alargada, amigos e organizações religiosas ou comunidade) podem conduzir a um envolvimento paterno positivo (Roggman et al., cit. por Newland et al., 2008). Por seu turno, no estudo de Fagan et al. (2007), já antes mencionado, não se encontrou uma associação significativa entre o envolvimento paterno dos pais adolescentes e o apoio social que recebiam.

Quanto à *relação entre apoio social e stress parental*, o mesmo trabalho de Fagan et al. (2007), aponta, como se especificou no início, para uma associação negativa entre o stress parental e o apoio social. De referir ainda um estudo realizado por Andrews et al. (1978, cit.

por Vaz Serra, 2011) onde se demonstra que 80% das pessoas que referiam possuir uma rede de apoio social (tendo com quem contar durante os acontecimentos de vida capazes de fomentar stress), não demonstravam perturbações psiquiátricas ou apresentavam apenas transtornos leves, comparativamente com os indivíduos que não possuíam apoio social.

Em síntese, são escassos os estudos empíricos que relacionam as dimensões em estudo – envolvimento paterno, stress parental e apoio social – em amostras não-clínicas. Existe apenas um que associa as três dimensões, mas integra pais adolescentes, o que acentua a pertinência da presente investigação.

2. Objectivos e Hipóteses

2.1 Objectivos

Objectivo Geral 1: Caracterização do envolvimento paterno, do stress parental e do apoio social em função de variáveis da criança.

Objectivo específico:

Caracterizar as dimensões em estudo com base em variáveis da criança – sexo, idade e ano de escolaridade.

Objectivo Geral 2: Analisar a relação do envolvimento paterno, do stress parental e do apoio social com variáveis paternas (sociodemográficas e referentes ao envolvimento).

Objectivos específicos:

Analisar a relação das dimensões em estudo com:

- a) Variáveis sociodemográficas relativas ao pai – idade, escolaridade e número de filhos;
- b) Variáveis do envolvimento do pai – percepção do envolvimento nos cuidados e educação da criança, e ser ou não cuidador desta.

Objectivo Geral 3: Examinar a relação entre o stress parental e o apoio social.

Objectivo específico:

Examinar a relação entre o stress parental (subescalas Pais, Interação e Criança) e o apoio social (número de pessoas que facultam apoio e satisfação com o apoio recebido).

Objectivo Geral 4: Determinar se o stress parental e o apoio social se constituem como preditores do envolvimento paterno.

Objectivo específico:

Analisar se o stress parental (subescalas Pais, Interacção, Criança) e o apoio social (Número e Satisfação) predizem o envolvimento paterno (respectivamente, Cuidados, Disponibilidade, Presença e Disciplina).

2.2 Hipóteses

Hipótese 1: Espera-se que haja variação em pelo menos uma das dimensões em estudo – envolvimento paterno, stress parental e apoio social – em função do sexo da criança e/ou da idade e/ou da escolaridade.

Hipótese 2: Estima-se que (a) pelo menos uma das variáveis sociodemográficas paternas consideradas (idade, escolaridade e número de filhos) se associe com o envolvimento paterno, e/ou com o stress parental e/ou com o apoio social; (b) a percepção de se estar mais envolvido com a criança (cuidados e/ou educação) do que se esperava e o ser-se cuidador principal da criança se associe com pelo menos um dos domínios do envolvimento paterno, e/ou do stress parental e/ou do apoio social. Note-se que, esta hipótese (b) é meramente exploratória dado não se dispor de estudos empíricos que a fundamentem.

Hipótese 3: Espera-se que o stress parental se relacione negativamente com pelo menos uma das dimensões do apoio social (número de pessoas disponíveis e/ou satisfação com o apoio).

Hipótese 4: Prevê-se que o stress parental e o apoio social se constituam como preditores do envolvimento paterno, de tal forma que pais com níveis mais baixos de stress parental (Criança, e/ou Pais e/ou Interacção) e pais com níveis mais elevados de apoio social (em termos do número de pessoas da rede e/ou da satisfação com esta) estarão mais envolvidos com os filhos em pelo menos um dos domínios do envolvimento paterno (Cuidados, e/ou Disponibilidade, e/ou Presença e/ou Disciplina).

3. Método

3.1 Participantes

3.1.1 Caracterização Sociodemográfica dos Participantes e das Crianças-Alvo

Neste estudo participaram 92 indivíduos do sexo masculino, pais de crianças com idades compreendidas entre os 6 e os 9 anos. Apresenta-se em seguida a caracterização sociodemográfica dos participantes, realizada com base na informação obtida através da Ficha de Recolha de Informação, construída no âmbito deste trabalho (ver Anexo I).

Os participantes têm uma idade que se situa entre os 28 e os 52 anos, com uma média de idades de 39.91 ($DP= 4.91$).

No que respeita ao nível de instrução (Quadro 1), salienta-se o facto de a maioria dos participantes ter 12 ou mais anos de escolaridade.

Quadro 1

Nível de Instrução dos Participantes – Frequências (f) e Percentagens (%)

	Nível de Instrução dos Participantes (Anos de Escolaridade)					
	4 anos	6 anos	9 anos	12 anos	Curso Técnico-Profissional	Curso Superior
f (%)	7 (7.6%)	14 (15.2%)	16 (17.4%)	32 (34.8%)	7 (7.6%)	16 (17.4%)

No Quadro 2 figuram as frequências e percentagens relativas ao grupo profissional dos participantes. Estes distribuem-se por todos os grupos, salientando-se, no entanto, que os Grupos 2 (Especialistas das Actividades Intelectuais e Científicas) e 3 (Técnicos e Profissões de Nível Intermédio) congregam mais de 1/3 dos participantes (cerca de 36%) e que os Grupos 5 (Trabalhadores dos Serviços Pessoais, de Protecção e Segurança e Vendedores), 7 (Trabalhadores Qualificados da Indústria, Construção e Artífices) e 9 (Trabalhadores não Qualificados) englobam também um número importante de participantes (38%); de referir que dois participantes estão desempregados.

Quadro 2

Grupo Profissional dos Participantes – Frequências (f) e Percentagens (%)

Grupo Profissional dos Participantes											
	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
	2	1	15	18	6	12	6	13	7	10	2
f (%)	(2.2%)	(1.1%)	(16.3%)	(19.6%)	(6.5%)	(13%)	(6.5%)	(14.1%)	(7.6%)	(10.9%)	(2.2%)

Nota. Categorias de 0 a 9 de acordo com a Classificação Portuguesa das Profissões (Instituto Nacional de Estatística, 2011): 0- Profissões das Forças Armadas; 1 – Representantes do Poder Legislativo e de Órgãos Executivos, Dirigentes, Directores e Gestores Executivos; 2 - Especialistas das Actividades Intelectuais e Científicas; 3 - Técnicos e Profissões de Nível Intermédio; 4 - Pessoal Administrativo; 5 – Trabalhadores dos Serviços Pessoais, de Protecção e Segurança e Vendedores; 6 - Agricultores e Trabalhadores Qualificados da Agricultura, da Pesca e da Floresta; 7 – Trabalhadores Qualificados da Indústria, Construção e Artífices; 8 - Operadores de Instalações e Máquinas e Trabalhadores da Montagem; 9 - Trabalhadores não Qualificados; 10 – Desempregados.

No que se refere ao estado civil (Quadro 3), sobressai que a grande maioria dos pais é casado ou vive em união de facto (92.4%), e que a duração média da relação é 12.75 anos ($DP= 4.86$; variação entre 3 e 32 anos).

Quadro 3

Estado Civil dos Participantes – Frequências (f) e Percentagens (%)

Estado Civil dos Participantes			
	Solteiros	Casados/União de Facto	Divorciados/Separados
f (%)	1 (1.1%)	85 (92.4%)	6 (6.5%)

Relativamente ao tipo de família (Quadro 4), observa-se que a maioria dos participantes vive numa família nuclear (93.4%).

Quadro 4

Tipo de Família dos Participantes – Frequências (f) e Percentagens (%)

Tipo de Família dos Participantes				
	Família Nuclear	Família Monoparental	Família Reconstituída	Família Alargada
f (%)	85 (93.4%)	3 (3.3%)	2 (2.2%)	1 (1.1%)

O número de filhos varia entre 1 e 5, sendo a média 2 ($DP=0.93$). A maior parte tem 1 (31.5%) ou 2 (45.7%) filhos; 16.3% têm 3 filhos, 4.3% têm 4 e 2.2% têm 5 filhos.

Apresenta-se em seguida a caracterização sociodemográfica dos filhos dos participantes. Existe uma ligeira predominância do sexo feminino (54.9%) face ao sexo masculino (45.1%), tendo as crianças idades compreendidas entre os 6 e os 9 anos de idade, com uma média de 7.55 anos ($DP=1.09$). Nenhuma tem qualquer reprovação e, como se pode observar no Quadro 5, a maioria das crianças-alvo frequenta o 2º (37%) e o 4º (25%) ano de escolaridade, ainda que haja uma distribuição por todos os anos do 1º Ciclo.

Apenas uma minoria (8.9%) apresenta problemas de saúde ligeiros (alergias, bronquite asmática, problemas de visão, problemas de audição, défice de atenção).

Quadro 5

Ano de Escolaridade da Criança – Frequências (f) e Percentagens (%)

	Ano de Escolaridade da Criança			
	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano
f (%)	17 (18.5%)	34 (37%)	18 (19.6%)	23 (25%)

Em 87 casos (95.6%) a criança é filha de ambos os membros do casal, não o sendo apenas em quatro casos (4.4%); nestes, em três a criança é filha do elemento masculino do casal e em um é filha do elemento feminino.

Na maioria dos casos é a mãe a cuidadora principal da criança (66.3%), existindo também um número importante de casos em que são cuidadores ambos os membros do casal (30.3%), sendo minoritárias as situações em que o pai é o único cuidador da criança (2.2%).

3.1.2 Caracterização do Envolvimento do Pai nos Cuidados e Educação da Criança

No que diz respeito ao envolvimento do pai nos cuidados e educação da criança (Quadro 6), observa-se que as percentagens são semelhantes em ambos os casos, considerando a maioria dos participantes que está tão envolvido quanto esperava nos cuidados e na educação da criança (respectivamente 67.4% e 64.1% dos casos); a percentagem de pais que se percepciona como menos envolvido na educação da criança é um pouco superior (18.5%) à observada face ao envolvimento nos cuidados da criança (15.2%) para a mesma categoria.

Quadro 6

Envolvimento do Pai nos Cuidados e Educação da Criança – Frequências (f) e Percentagens (%)

	Envolvimento nos Cuidados	Envolvimento na Educação
Muito Mais Envolvido do que Esperava	8 (8.7%)	8 (8.7%)
Mais Envolvido do que Esperava	7 (7.6%)	7 (7.6%)
Tão Envolvido quanto Esperava	62 (67.4%)	59 (64.1%)
Menos Envolvido do que Esperava	14 (15.2%)	17 (18.5%)
Muito Menos Envolvido do que Esperava	1 (1.1%)	1 (1.1%)

3.2 Instrumentos

Os instrumentos utilizados no presente estudo foram a Escala de Envolvimento Paterno (Simões, Leal, & Maroco, 2010a, 2010b), a versão reduzida da adaptação portuguesa do *Parenting Stress Index* (ver Abidin & Santos, 2003) desenvolvida por Santos (2008) e a versão reduzida da adaptação Portuguesa do *Social Support Questionnaire* (Sarason et al., 1987), desenvolvida por Moreira et al. (2002). Foi também construída uma Ficha com a finalidade de se proceder à recolha de informação sociodemográfica específica e referente ao envolvimento dos participantes nos cuidados e educação da criança.

3.2.1 Escala de Envolvimento Paterno (EEP)

A Escala de Envolvimento Paterno (EEP) foi criada por Simões et al. (2010a, 2010b), tendo como objectivo compreender a frequência de situações e comportamentos interligados com a actividade familiar, bem como avaliar a frequência com que os pais exercem diversas funções de cuidado, educação, presença e disponibilidade nas tarefas quotidianas dos filhos (Simões et al., 2010a).

A escala é constituída por 20 itens; 19 têm associada uma escala de resposta tipo Likert de 5 pontos, tendo o último item um formato diferente dos restantes, pois assume o

valor de uma percentagem (0 a 100), sendo a análise do mesmo qualitativa e descritiva² (Simões et al., 2010a).

Os 19 itens distribuem-se por quatro domínios – Cuidados, Disponibilidade, Presença e Disciplina – sendo os resultados respectivos calculados com base na média dos itens que constituem cada domínio (Simões et al., 2010b). Resultados mais elevados correspondem a um maior grau de envolvimento paterno.

Em termos de consistência interna, os valores dos coeficientes alfa de Cronbach são .85 para a escala global, .75 para a subescala Cuidados, .85 para a subescala Disponibilidade, .64 para a subescala Presença e .64 para a subescala Disciplina (Simões et al., 2010b).

3.2.2 Índice de Stress Parental (ISP) - Versão Reduzida

Para avaliar o stress parental foi utilizada a adaptação portuguesa do *Parenting Stress Index* (PSI) de R. Abidin (1995) denominada Índice de Stress Parental. O instrumento tem uma versão completa (Abidin & Santos, 2003) e uma versão reduzida (e.g., Santos, 2008), usada no presente trabalho, e que ainda se encontra em estudo.

Esta versão é constituída por 36 itens, com uma escala de resposta de 5 pontos (desde 1 – “Discordo Completamente” até 5 – “Concordo Completamente”), distribuídos por três subescalas distintas que remetem para a criança (“Criança Difícil”), a/o mãe/pai (“Dificuldade Parental”) e para a interacção figura parental-criança (“Interacção Disfuncional Mãe/Pai-Criança”)³ (Abidin, 1995; Santos, 2008).

O instrumento faculta um resultado para a escala total (indicativo do nível global de stress experimentado pela figura parental) e resultados para cada uma das três subescalas. Resultados mais elevados correspondem a níveis mais altos de stress parental (Santos, 2008).

A versão reduzida do ISP (adaptação portuguesa) apresenta uma consistência interna satisfatória, com valores de coeficiente de alpha de Cronbach de .71 para a subescala Criança (“Criança Difícil”), .82 para a subescala Pais (“Dificuldade Parental”), .77 para a Interacção (“Interacção Disfuncional Mãe/Pai-Criança”) e .89 para o resultado Total (Santos, 2008).

² No presente trabalho não se irá proceder à análise deste item dado que a maioria dos pais não compreendeu o tipo de resposta pretendida.

³ Como se referiu noutra lugar, no ponto 4 (Resultados) por uma questão de simplificação, estas subescalas surgirão com as designações Criança, Pais, Interacção, respectivamente.

3.2.3 Questionário de Apoio Social (QAS-R) – Versão Reduzida

O apoio social foi avaliado com a versão portuguesa do *Social Support Questionnaire* (Sarason, Levine, Basham, & Sarason, 1983), mais precisamente com a versão reduzida do questionário (Sarason, Sarason, Shearin, & Pierce, 1987), cuja adaptação portuguesa (QAS-R) foi desenvolvida por Moreira et al. (2002). O instrumento avalia o apoio social disponível e a satisfação com esse apoio, ou seja, a quantidade e a qualidade do apoio social.

É constituído por 6 itens, tendo cada um deles duas questões a que o participante deverá responder: indicar primeiro as pessoas (até um máximo de 9) que acredita estarem disponíveis para fornecer determinado tipo de apoio e depois o grau de satisfação com esse apoio (numa escala de 6 pontos – de “muito insatisfeito” a “muito satisfeito”), em domínios específicos (cada item corresponde a um domínio específico) (Moreira et al., 2002).

A informação recolhida permite a obtenção de dois resultados: o número médio de pessoas que o participante elege como prestadoras de apoio (QAS-N- Escala de Apoio Social Disponível); o nível médio de satisfação com o apoio social disponível (QAS-S – Escala de Satisfação com o Apoio). Resultados mais altos remetem para a percepção de maior disponibilidade do apoio social e de maior satisfação com este (Moreira et al., 2002; Sarason et al., 1987).

A adaptação portuguesa do instrumento possui elevada consistência interna, com coeficientes alpha de Cronbach que variam entre .95 e .89 para a QAS-N e entre .86 e .95 para a QAS-S, nos estudos que averiguaram a qualidade psicométrica do instrumento (Moreira et al., 2002).

3.2.4 Ficha de Recolha de Informação

Foi ainda utilizada uma Ficha de Recolha de Informação, construída no contexto do presente trabalho, que possibilita a obtenção de informação sociodemográfica acerca dos participantes e dos seus filhos em idade escolar, bem como de informação sobre a percepção paterna de envolvimento nos cuidados e educação dos filhos.

De forma mais específica, as primeiras questões englobam informação sociodemográfica referente aos participantes (e.g., idade, escolaridade, profissão, estado civil) e ao contexto familiar (e.g., tipo de família, numero de casamentos/uniões de facto, número de filhos).

As questões seguintes reúnem informação relativa ao filho/a em idade escolar dos participantes (sexo da criança, idade, ano de escolaridade, reprovações, estado de saúde e se é

filho/a de ambos os elementos do casal). É também colocada uma questão que visa averiguar quem é o cuidador principal da criança.

Por último, existem duas questões que remetem para o envolvimento dos participantes nos cuidados e na educação do filho/a. Estas questões têm uma escala de resposta de 5 pontos (de “muito menos envolvido do que esperava” a “muito mais envolvido do que esperava”). A sua cotação é feita pela atribuição de um valor entre 1 (respostas que remetem para um menor grau de envolvimento face à expectativa) e 5 (respostas que reenviam para um maior grau de envolvimento).

3.3 Procedimento

A recolha de dados decorreu durante o mês de Janeiro de 2012, no Agrupamento de Escolas de Coruche. Foi primeiro estabelecido um contacto por via electrónica (ver Anexo II), na sequência do qual se agendou uma reunião em que se apresentou o estudo em questão, explicando-se o tipo de colaboração pretendida e solicitando-se a devida autorização.

Ficou acordado que os professores do primeiro ciclo entregariam aos pais todo o material relativo ao estudo. Este material integrava um primeiro documento em que se fazia a apresentação do estudo aos pais (ver Anexo III), indicando-se a responsável pela investigação, o âmbito deste e a sua finalidade, e em que se solicitava a participação dos sujeitos, com a especificação de que esta participação era voluntária, as respostas anónimas e a informação facultada confidencial. Os pais que aceitaram participar preencheram uma declaração de consentimento informado (ver Anexo IV) e receberam a Ficha de Recolha de Informação (ver Anexo I), os instrumentos de avaliação (EEP, ISP-VR e QAS-R) e um documento com as instruções necessárias para o seu preenchimento (ver Anexo V).

Após o preenchimento dos instrumentos, estes foram entregues aos professores das crianças, em envelope fechado, de acordo com um prazo estipulado previamente (ver Anexo V). Posteriormente, foi feita a sua recolha pela investigadora responsável pelo estudo.

3.4 Procedimentos Estatísticos

A análise dos dados foi elaborada através do programa estatístico SPSS – versão 19 (*Statistical Package for the Social Sciences*).

Utilizou-se estatística descritiva, realizando-se o cálculo de frequências e percentagens e a determinação de médias e desvios-padrão tendo em conta o tipo de variáveis envolvidas (variáveis dicotómicas e categoriais ou variáveis contínuas).

Utilizaram-se igualmente técnicas estatísticas que permitem o estudo da relação linear entre variáveis, fornecendo uma medida do grau de associação entre elas, designadamente o coeficiente de correlação de Pearson (quando se pretendia obter a relação linear entre variáveis métricas), o coeficiente de Spearman (nos casos em que a relação linear se constituía entre variáveis métricas e variáveis ordinais), e o coeficiente de correlação bisserial por pontos (para a associação entre variáveis métricas e dicotómicas).

Na comparação de grupos, utilizou-se o teste t de student para amostras independentes (comparação de dois grupos) e a ANOVA (para a comparação de três ou mais grupos).

Recorreu-se igualmente à análise de regressão linear múltipla para determinar os preditores do envolvimento paterno, constituindo-se como variáveis preditoras quer as dimensões relativas ao stress parental, quer as referentes ao apoio social e como variáveis critério as dimensões da Escala de Envolvimento Paterno tratadas individualmente. Para testar a multicolinearidade foi utilizado o cálculo do VIF (*Variance Inflation Factor*). Foi também usado o teste de Durbin-Watson para testar a hipótese de auto-correlação dos resíduos.

4. Resultados

Neste ponto apresentam-se os resultados obtidos. Primeiramente caracterizam-se as dimensões em estudo em função do sexo, idade e ano de escolaridade da criança (ponto 4.1). Em seguida incide-se na análise da relação das dimensões em estudo (Envolvimento Paterno, Stress Parental e Apoio Social) com variáveis sociodemográficas respeitantes aos pais (escolaridade, idade, número de filhos), com a sua percepção do envolvimento nos cuidados e educação dos filhos, procedendo-se também à relação daquelas dimensões com a informação sobre quem são os cuidadores principais da criança (ponto 4.2). No ponto seguinte (4.3) focaliza-se a análise da associação entre o stress parental e o apoio social. Num último ponto (4.4) apresenta-se o estudo de predição do envolvimento paterno, com base no stress parental e no apoio social.

4.1 Caracterização do Envolvimento Paterno, do Stress Parental e do Apoio Social em Função de Variáveis da Criança (Sexo, Idade e Escolaridade)

Apresentam-se a seguir os resultados relativos à caracterização das dimensões avaliadas (envolvimento paterno, stress parental e apoio social) em função de variáveis sociodemográficas da criança – sexo (Quadro 7), idade (Quadro 8) e ano de escolaridade (Quadro 9).

Quadro 7

Envolvimento Paterno, Stress Parental e Apoio Social em Função do Sexo da Criança – Médias, Desvios-Padrão e Valores de t e p

	Sexo Masculino		Sexo Feminino		T	p
	M	DP	M	DP		
Envolvimento Paterno						
Cuidados	22.41	3.57	22.06	4.31	.42	.675
Disponibilidade	27.00	3.85	25.78	6.00	1.13	.264
Presença	10.88	3.45	11.18	4.13	-.37	.710
Disciplina	9.15	1.57	8.56	1.64	1.73	.088
Stress Parental						
Pais	23.71	6.11	24.54	5.82	-.66	.508
Interacção	18.02	5.11	17.82	4.95	.19	.847
Criança	22.54	6.74	21.70	6.66	.59	.555
Apoio Social						
Número	15.03	8.06	13.06	9.45	1.05	.298
Satisfação	5.33	.78	4.99	1.15	1.55	.125

Nota. n₁ (masculino) = 41, n₂ (feminino) = 50; gl = 89

Os pais dos rapazes tendem a obter resultados um pouco mais elevados em todas as variáveis, com excepção das subescalas Presença (envolvimento paterno) e Pais (stress parental), com resultados ligeiramente mais elevados nos pais das raparigas. Contudo, os pais dos rapazes e os pais das raparigas não se distinguem significativamente em qualquer uma das medidas, ocorrendo apenas um resultado marginalmente significativo para a subescala Disciplina, da Escala de Envolvimento Paterno, tendendo os pais dos rapazes a referir um nível mais elevado de envolvimento na disciplina.

Com vista à caracterização em função da idade da criança, constituíram-se dois grupos: pais de crianças com 6-7 anos e pais de crianças com 8-9 anos (ver Quadro 8).

Quadro 8

Envolvimento Paterno, Stress Parental e Apoio Social em Função da Idade da Criança – Médias, Desvios-Padrão, Valores de t e p

	6 - 7 anos		8 - 9 anos		t	p
	M	DP	M	DP		
Envolvimento Paterno						
Cuidados	22.34	4.18	22.19	3.80	.18	.859
Disponibilidade	26.98	4.96	25.64	5.32	1.25	.216
Presença	11.12	3.85	11.07	3.87	.06	.955
Disciplina	8.74	1.63	8.98	1.66	-.69	.494
Stress Parental						
Pais	24.14	6.24	24.02	5.66	.09	.926
Interacção	17.42	4.78	18.38	5.24	-.92	.361
Criança	21.66	6.83	22.36	6.61	-.50	.622
Apoio Social						
Número	12.34	6.75	16.44	11.07	-2.08	.042
Satisfação	5.05	1.17	5.25	.76	-.92	.360

Nota. n₁= 50 (6-7 anos), n₂= 42 (8-9 anos); gl = 90

Os pais das crianças mais novas (6-7 anos) tendem a obter resultados um pouco mais elevados nas diferentes medidas, sendo, no entanto, ligeiramente superiores os resultados para os pais das crianças mais velhas (8-9 anos) nas subescalas Interacção e Criança (stress parental) e nas subescalas Número e Satisfação (apoio social); a diferença é mais expressiva na subescala Número (apoio social), observando-se que ocorrem diferenças significativas em função da idade da criança apenas nesta variável.

Nos Quadros 9 e 10 figuram os resultados decorrentes da análise das respostas dos pais em função do ano de escolaridade da criança. No caso quer do Envolvimento Paterno e Stress Parental (Quadro 9), quer do Apoio Social (Quadro 10) as médias são, de uma forma geral, relativamente próximas, não se chegando a atingir significância estatística em nenhuma das comparações.

Quadro 9

Envolvimento Paterno e Stress Parental em Função do Ano de Escolaridade da Criança – Médias, Desvios-Padrão, Valores de F e p

	1º Ano		2º Ano		3º Ano		4º Ano		F	p
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP		
Envolvimento										
Paterno										
Cuidados	21.94	4.19	22.88	4.11	22.39	3.55	21.52	4.08	F(3,88)= .57	.634
Disponibilidade	27.29	4.55	26.56	5.58	25.94	4.11	25.74	5.77	F(3,88)= .35	.791
Presença	11.65	4.44	10.91	3.52	10.67	4.23	11.30	3.70	F(3,88)= .24	.872
Disciplina	8.41	1.62	9.03	1.59	9.00	1.72	8.78	1.70	F(3,88)= .60	.618
Stress Parental										
Pais	23.76	6.06	23.85	6.43	25.22	6.20	23.78	5.15	F(3,88)= .27	.850
Interação	17.06	4.41	17.53	4.96	18.78	6.15	18.22	4.61	F(3,88)= .43	.732
Criança	20.59	4.50	21.82	7.85	22.89	6.95	22.52	6.23	F(3,88)= .40	.751

Nota. $n_1=17$, $n_2=34$, $n_3=18$, $n_4=23$

Quadro 10

Apoio Social em Função do Ano de Escolaridade da Criança – Médias, Desvios-Padrão, Valores de F e p

	1º Ano		2º Ano		3º Ano		4º Ano		F	p
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP		
Apoio Social										
Número	13.00	7.72	11.88	6.15	18.12	11.77	15.57	10.83	F(3,87)= 2.12	.104
Satisfação	5.13	1.17	5.05	1.16	5.20	.77	5.23	.80	F(3,82)= .15	.929

Nota. $n_1=17$, $n_2=34$, $n_3=17$, $n_4=23$ para “Número”; $n_1=17$, $n_2=32$, $n_3=16$, $n_4=21$ para “Satisfação”

4.2 Relação do Envolvimento Paterno, do Stress Parental e do Apoio Social com Variáveis Paternas (Sociodemográficas e do Envolvimento)

Neste ponto analisa-se a relação entre cada uma das dimensões em estudo (envolvimento paterno, stress parental e apoio social) e variáveis paternas, sociodemográficas (idade, escolaridade e número de filhos), e do envolvimento com a criança (percepção do envolvimento nos cuidados e educação dos filhos). Analisa-se ainda a relação daquelas dimensões com o ser “cuidador principal” da criança (mãe *versus* mães e pais⁴) (Quadro 11).

⁴ Excluíram-se da análise os casos em que o pai era cuidador principal, uma vez que tal aconteceu apenas face a dois pais.

Quadro 11

Relação do Envolvimento Paterno, do Stress Parental e do Apoio Social com Variáveis Paternas (Sociodemográficas e do Envolvimento com a Criança)

	Idade	Escolaridade	Número de Filhos	Cuidador Principal	Envolvimento nos Cuidados	Envolvimento na Educação
Envolvimento paterno						
Cuidados	.14	.08	-.04	.42***	.42***	.44***
Disponibilidade	.01	-.18	-.02	.25*	.35**	.33**
Presença	-.02	-.09	.25*	.27*	.28**	.29**
Disciplina	-.10	.26*	.14	.11	.24*	.38***
Stress Parental						
Pais	††-.20	-.17	†.20	-.11	-.23*	-.23*
Interacção	-.39***	-.14	.08	-.25*	-.24*	-.23*
Criança	-.32**	-.14	.07	-.14	-.23*	-.21*
Apoio Social						
Número	.06	.32**	-.06	.23*	.10	.14
Satisfação	.04	-.01	-.10	.12	.06	.05

Nota. * p< .05 ** p< .01 *** p<.001 †= p=.054 ††= p= .061

Como é possível observar no Quadro 11, no que respeita à Idade do pai apenas se obtêm correlações significativas (negativas), com o stress parental (Interacção e Criança, sendo marginalmente significativa a correlação com a subescala Pais). A escolaridade do pai associa-se de forma significativa com um dos domínios do envolvimento paterno – Disciplina (correlação positiva) e com a dimensão Número do apoio social. É ainda de salientar que o Número de Filhos se associa significativamente com um dos domínios do envolvimento paterno – Presença (correlação positiva) e com a subescala Pais do Índice de Stress Parental (correlação positiva), ainda que neste caso o resultado seja marginalmente significativo. Por sua vez, a variável Cuidador Principal da criança associa-se significativamente com três dos domínios do envolvimento paterno – Cuidados, Disponibilidade e Presença (correlações positivas em todos os casos, sendo de magnitude superior a primeira), e ainda com a subescala Interacção do Índice de Stress Parental (correlação negativa) e com uma das dimensões do apoio social – Número (correlação positiva). Por último, destaca-se que a percepção que os pais têm do envolvimento nos cuidados e na educação dos seus filhos se

relaciona significativamente com todos os domínios do envolvimento paterno (correlações positivas), bem como com todas as dimensões do stress parental (correlações negativas).

4.3 Relação entre o Stress Parental e o Apoio Social

Apresenta-se a seguir (Quadro 12) o estudo correlacional entre o Stress Parental (Pais, Interação e Criança) e o Apoio Social (Número e Satisfação).

Quadro 12

Relação entre o Stress Parental e o Apoio Social

	Apoio Social	
	Número	Satisfação
Stress Parental		
Pais	-.18	-.25*
Interação	-.11	-.22*
Criança	-.01	-.03

* $p < .05$

Verifica-se que existem correlações negativas e significativas entre as subescalas Pais e Interação (stress parental) com uma das dimensões do apoio social – Satisfação.

4.4 Preditores do Envolvimento Paterno

Para o estudo dos preditores do Envolvimento Paterno realizaram-se duas análises de regressão múltipla, considerando num caso as dimensões do Stress Parental como preditores (resultados das subescalas Pais, Interação e Criança do ISP) – ver Quadro 13 – e no outro as dimensões do apoio social (subescalas Número e Satisfação do QAS-R) – ver Quadro 14. Como variáveis critério considerou-se, em ambos os casos, as subescalas da Escala de Envolvimento Paterno (EEP) tratadas individualmente, respectivamente Cuidados, Disponibilidade, Presença e Disciplina.

Na análise que envolve na predição o Stress Parental, os valores de Durbin-Watson foram 1.92 (Cuidados), 2.09 (Disponibilidade), 2.03 (Presença) e 2.42 (Disciplina), portanto próximos (ou relativamente próximos) de 2, indicando que os resíduos são independentes e aleatórios. Por sua vez, os valores de VIF foram os mesmos no caso das diferentes variáveis critério (Cuidados, Disponibilidade, Presença e Disciplina), especificamente 1.49 para a subescala Pais (stress parental), 2.14 para a subescala Interação (stress parental) e 2.18 para

a subescala Criança (stress parental), não se atingindo, portanto, valores que indiquem a presença de multicolinearidade nas variáveis independentes.

Na análise que envolve na predição o Apoio Social, os valores de Durbin-Watson foram 1.91 (Cuidados), 2.02 (Disponibilidade), 2.02 (Presença) e 2.50 (Disciplina), confirmando-se que também aqui os resíduos são independentes e aleatórios, não obstante o valor um pouco mais elevado para a Disciplina. No que respeita aos valores VIF estes foram de 1.12 quer para a subescala Número, quer para a subescala Satisfação, no caso de qualquer uma das variáveis critério consideradas (Cuidados, Disponibilidade, Presença, Disciplina), não existindo, portanto, multicolinearidade.

No Quadro 13 figuram os resultados relativos à predição do Envolvimento Paterno com base no Stress Parental.

Quadro 13

Predição do Envolvimento Paterno (Cuidados, Disponibilidade, Presença e Disciplina) com base no Stress Parental (Pais, Interacção e Criança)

Freatores	Envolvimento Paterno											
	Cuidados			Disponibilidade			Presença			Disciplina		
	β	t	p	β	t	p	β	t	p	β	t	p
Stress P.												
Pais	-.12	-.99	.322	.03	.24	.809	-.13	-.99	.326	-.04	-.30	.766
Interacção	-.36	-2.43	.017	-.45	-3.05	.003	.00	.03	.979	-.20	-1.31	.195
Criança	.23	1.53	.130	.30	2.00	.048	.04	.23	.819	.24	1.55	.124
R	.31			.31			.11			.17		
R²_a	.07			.07			-.02			-.004		
Modelo	F (3,88) = 3.12, p=.030			F (3,88) = 3.19, p=.029			F (3,88) = .37, p=.777			F (3,88) = .88, p=.452		

Nota. N=92

Através da observação do Quadro 13, é possível verificar que a subescala Interacção (stress parental) prediz o envolvimento paterno – Cuidados [R= .31, R²_a= .07, F (3,88) = 3.12, p= .030; Beta = -.36, t= -2.43, p= .017] contribuindo para 7% da variância do modelo, e que as variáveis Interacção e Criança predizem a Disponibilidade [R= .31, R²_a= .07, F (3,88) = 3.19, p= .029; Interacção – Beta = -.45, t= -3.05, p= .003; Criança – Beta = .30, t= -2.00, p= .048], explicando, em conjunto, 7% da variância do modelo.

Do Quadro 14 constam os resultados referentes à predição do Envolvimento Paterno com base no Apoio Social.

Quadro 14

Predição do Envolvimento Paterno (Cuidados, Disponibilidade, Presença e Disciplina) com base no Apoio Social (Número e Satisfação)

Preditores	Envolvimento Paterno											
	Cuidados			Disponibilidade			Presença			Disciplina		
	β	t	p	β	t	p	β	t	p	β	t	p
Apoio Soc.												
Número	.21	1.83	.070	-.01	-.06	.955	.02	.20	.846	.27	2.42	.018
Satisfação	.05	.42	.674	.19	1.70	.094	.10	.86	.391	.00	.03	.975
R	.23			.19			.11			.27		
R_{2a}	.03			.01			-.01			.05		
Modelo	F(2,83)= 2.26, p= .111			F(2,83)= 1.57, p= .214			F(2,83)= .50, p= .610			F(2,83)=3.30, p= .042		

Nota. N= 86

O apoio social (Número) prediz o envolvimento paterno – Disciplina [R= .27, R^{2a}= .05, F(2,83)= 3.30, p= .042; Beta=.27, t=2.42, p=.018], explicando 5% da variância do modelo.

5. Discussão

No presente ponto procede-se à discussão dos resultados obtidos, seguindo-se a sequência utilizada aquando da análise dos mesmos e tendo em conta os objectivos e hipóteses definidos no ponto 2.

Começando pela Caracterização do Envolvimento Paterno, do Stress Parental e do Apoio Social em Função de Variáveis da Criança – sexo, idade e ano de escolaridade – (Objectivo1), os resultados da análise efectuada mostraram que, face ao sexo, apenas se obteve uma diferença marginalmente significativa para um dos domínios do envolvimento paterno – Disciplina –, indicando que os pais das crianças do sexo masculino tendem a apresentar um maior envolvimento no processo de disciplinar os filhos. Por sua vez, no que se refere à idade das crianças, verificou-se que os pais das crianças mais velhas (8-9 anos),

comparativamente com os pais das crianças mais novas (6-7 anos), referem um maior número de pessoas disponíveis para facultar apoio. Não se obtiveram resultados significativos para nenhuma das dimensões em estudo, em função do ano de escolaridade da criança.

Nesta sequência, confirma-se a hipótese colocada (Hipótese 1), a qual previa que houvesse variação em alguma das dimensões em estudo, em função de pelo menos uma das variáveis relativas à criança consideradas.

Na literatura os estudos que relacionam o envolvimento paterno com o sexo da criança conduzem a resultados inconsistentes (Lamb, 2000; ver Lima, 2008; Santos, 2011). Porém, os resultados obtidos no presente estudo, no que respeita ao sexo da criança, são concordantes com os do estudo de Lamb (2000), em que se conclui que o envolvimento do pai é maior com os filhos do sexo masculino. Importa, contudo, notar que, na presente investigação, a tendência referente ao envolvimento paterno apenas se registou face ao domínio da disciplina. É possível que este envolvimento ao nível da disciplina dos filhos rapazes se deva ao facto de estes colocarem mais desafios em termos de comportamento (comparativamente com as filhas), dado que tem sido salientado na literatura (Houzel, Emmanuelli, & Moggio, 2004; Poeta & Neto, 2004).

Não foram encontrados estudos empíricos que relacionem a idade da criança com a percepção face ao apoio social disponível (número de pessoas na rede social). O facto de os pais das crianças mais velhas terem uma rede de apoio social maior do que os pais das crianças mais novas, pode dever-se, por hipótese, a que as crianças mais velhas sejam mais autónomas e coloquem menos exigências nos cuidados, possibilitando que os pais tenham, eventualmente, mais disponibilidade para se dedicarem às relações sociais e que tal tenha contrapartidas em termos da acessibilidade dos elementos que a compõem. É também viável considerar que as próprias crianças contribuam para aumentar a rede social dos pais, visto ser frequente que os pais dos amigos dos filhos se tornem amigos das figuras parentais da criança e que, na amostra estudada, tal esteja mais presente nos pais de crianças mais velhas. É igualmente possível que sejam estas crianças a ter mais actividades extracurriculares, usufruindo o pai do apoio de outros (e.g., parceira, pais de outras crianças, avós da criança) para dar resposta às exigências associadas (por exemplo, ir buscar e levar a criança a diferentes actividades durante a semana).

Passando agora à relação do Envolvimento Paterno, do Stress Parental e do Apoio Social com variáveis paternas (Objectivo2), obtiveram-se relações significativas das dimensões em estudo com as variáveis paternas consideradas, quer sociodemográficas –

idade, escolaridade, número de filhos –, quer referentes ao envolvimento – percepção que os pais têm do envolvimento nos cuidados e educação dos filhos e ser ou não cuidador principal da criança.

A idade do pai relacionou-se negativa e significativamente com o stress parental, observando-se que os pais mais velhos apresentam níveis mais baixos de stress parental (associados com características da criança, da interacção, bem como com características parentais, ainda que neste último caso a associação seja apenas tendencial dado o resultado marginalmente significativo obtido). Tal vai na linha do referido por alguns autores relativamente a que as figuras parentais mais novas tendem a experimentar níveis de stress parental mais altos (ver Abidin, 1995). Para o resultado encontrado poderá contribuir o facto de os homens com idades mais avançadas terem adquirido, por hipótese, maior maturidade, experiência e segurança, o que lhes permite lidar de forma mais ajustada com o stress decorrente do desempenho do papel parental, incluindo a interacção estabelecida, e as características da criança. A idade não se associou significativamente com as restantes dimensões em estudo – envolvimento paterno e apoio social.

Por sua vez, a escolaridade do pai relacionou-se significativamente com um dos domínios do envolvimento paterno – Disciplina, de tal forma que os pais mais escolarizados estão mais envolvidos na disciplina dos filhos. Uma vez que, como se referiu antes, também se verificou que os pais dos rapazes tendem a estar mais envolvidos na disciplina, teria sido interessante explorar se estes pais são os mais escolarizados, o que constitui uma pista para exploração futura dos dados. Aquele resultado vai na linha dos alcançados noutros estudos em que se encontram associações positivas entre a escolaridade dos pais e o envolvimento paterno, ainda que neles esteja em causa uma dimensão geral do envolvimento paterno (Cabrera, Shannon et al., 2007; Roggman et al., 2002). Num estudo de Simões et al. (2010a), onde foi utilizado o mesmo instrumento, verificou-se que a escolaridade do pai apenas se relacionou com o domínio Cuidados do envolvimento paterno, o que não é consonante com o encontrado na presente investigação.

Neste estudo, observou-se também uma relação significativa entre a escolaridade do pai e o apoio social (Número), sendo que pais mais escolarizados percebem possuir uma maior disponibilidade da rede de apoio social em termos do número de pessoas que facultam apoio, não tendo sido encontrada literatura que o fundamente. É possível que os pais mais diferenciados do ponto de vista da instrução tenham mais facilidade na busca e manutenção do apoio social, o que contribuiria para aumentar a rede de pessoas disponíveis. A associação

com a dimensão Número já tinha ocorrido face aos pais das crianças mais velhas, pelo que será mais uma vez pertinente explorar se os pais mais escolarizados terão maioritariamente crianças mais velhas (8-9 anos). Algumas das hipóteses explicativas atrás colocadas a propósito da relação do apoio social (Número) com a idade da criança, poderão ser extensíveis à relação do apoio social com a escolaridade dos pais. Verificou-se ainda que o número de filhos se associa positiva e significativamente com um dos domínios do envolvimento paterno – Presença, ou seja, pais com um maior número de filhos estão mais presentes para estes. A literatura encontrada é contraditória, porém, este dado vem na linha do encontrado no estudo desenvolvido por Mehall et al. (2009), mostrando que quando existe um maior número de crianças na família, o grau de envolvimento do pai é maior. O número de filhos associou-se ainda positivamente com o stress parental (subescala Pais), apesar de o resultado ser marginalmente significativo (mas próximo da significância estatística). É compreensível que o maior número de filhos se relacione com níveis mais elevados de stress parental e que possam ser influentes características do próprio como o temperamento e a percepção quer da competência no desempenho do papel parental, quer das restrições que este coloca na sua vida.

Nesta sequência, confirma-se a hipótese colocada (Hipótese 2a), a qual previa que alguma(s) das variáveis sociodemográficas respeitantes ao pai se relacionaria(m) com alguma(s) das dimensões em estudo.

Numa outra linha, verificou-se que quando os cuidadores principais da criança são o pai e a mãe em conjunto (e não apenas a mãe), o pai tem a perspectiva que está mais envolvido com os filhos do que esperava, em termos de cuidados, disponibilidade e presença. Embora não tenham sido encontrados estudos empíricos que avaliem este tipo de associação, ela é expectável, uma vez que o facto de o pai ser um dos cuidadores principais da criança implica um maior investimento e presença, contrariamente ao que acontece quando é apenas a mãe a cuidadora, estando o pai, neste caso, menos presente e disponível, logo, menos envolvido. Acresce que quando os cuidadores principais são ambos os progenitores, o pai apresenta níveis mais baixos de stress parental relacionado com a interacção com a criança. Apesar de, mais uma vez, não se ter encontrado literatura nesta área, pode colocar-se a hipótese de que a partilha das responsabilidades parentais contribuirá para que se sinta a interacção com a criança como menos geradora de stress. Por último, o facto de ambos os progenitores serem os cuidadores principais da criança associa-se ainda com a percepção de se ter mais pessoas disponíveis para facultar apoio. É possível que a mãe da criança seja uma

destas pessoas, para além de que os pais que são cuidadores da criança (em conjunto com a mãe) poderão ter mais facilidade em promover e fazer uso do apoio facultado por pessoas específicas (e.g., avós, amigos), característica que é comum encontrar relativamente à mãe quando é a única cuidadora principal.

Por último, destaca-se que a percepção que os pais têm do seu grau de envolvimento nos cuidados e na educação dos seus filhos se relaciona significativamente com todos os domínios do envolvimento paterno e do stress parental, ainda que a relação seja de maior magnitude no primeiro caso (envolvimento paterno). Especificamente, os pais que têm a percepção de ter um maior envolvimento nos cuidados e educação dos filhos do que esperavam estão, de facto, mais envolvidos com estes em todas as áreas contempladas no instrumento de avaliação utilizado, e referem níveis mais baixos de stress parental, sugerindo a importância do envolvimento activo dos pais e das suas expectativas.

A Hipótese 2b, que previa uma relação de pelo menos uma das dimensões em estudo com o ser-se cuidador principal da criança e com a percepção de se estar mais envolvido com esta (nos cuidados ou educação) do que se esperava, foi, assim, confirmada.

No que respeita ao estudo da relação entre o stress parental e o apoio social (Objectivo3), obteve-se uma associação entre elas de tal forma que as subescalas Pais e Interação (stress parental) se relacionam negativamente com um dos domínios do apoio social – Satisfação, indicando que os pais com níveis mais baixos de stress na interacção com a criança e associado com as suas próprias características, referem ter uma rede de apoio social mais satisfatória.

Estes resultados seguem a tendência encontrada na literatura, já que os estudos empíricos identificam uma relação negativa entre o stress parental e o apoio social (Fagan et al., 2007; ver também Vaz Serra, 2011), enfatizando Fagan et al. (2007) a importância do apoio social na minimização dos efeitos do stress parental nos pais.

Confirma-se, assim, a hipótese colocada (Hipótese 3), a qual estimava que o stress parental se relacionaria negativamente com pelo menos um dos domínios do apoio social.

Por último, no que se refere ao estudo preditivo (Objectivo4), a análise que envolveu o stress parental como preditor (resultados das subescalas Pais, Interação e Criança do ISP), e o envolvimento paterno como variável critério (subescalas Cuidados, Disponibilidade, Presença e Disciplina da EEP tratadas individualmente), mostrou que os pais com níveis mais baixos de stress parental na interacção com a criança, estão mais envolvidos nos cuidados, e que os mais envolvidos em termos da disponibilidade para com os filhos, apesar de referirem

níveis mais baixos de stress na interacção, indicam níveis mais elevados de stress relacionado com características da criança, o que denota que esta terá algumas características que podem interferir com a disponibilidade parental. Na literatura existe referência a que níveis mais baixos de stress parental se associam a um maior envolvimento paterno (Simões et al, 2010a; Fagan et al., 2007), o que é, em parte, congruente com os resultados do presente estudo, contudo, na literatura não se especificam quais as áreas do envolvimento que contribuem para esta relação.

Não obstante os resultados significativos obtidos, é de referir que o contributo das variáveis relativas ao stress parental na predição dos domínios do envolvimento paterno é baixo (7%), o que deixa antever que outras variáveis poderão ser mais importantes para a predição deste envolvimento.

Por sua vez, a análise que considerou o Apoio Social como preditor (resultados das subescalas Número e Satisfação), e como variável critério, mais uma vez, o envolvimento paterno (subescalas Cuidados, Disponibilidade, Presença e Disciplina, tratadas individualmente), conduziu a resultados indicativos de que os pais que percebem possuir uma maior rede de apoio social estão mais envolvidos na disciplina dos seus filhos. Parece, pois, que os pais que podem contar com mais pessoas para facultar apoio estão também mais envolvidos na colocação de limites e no disciplinar a criança quando necessário. É possível que em alguns casos sejam pais que têm menos tempo para a criança do que gostariam, e que contem com outros para suprir a sua ausência e a pouca participação em áreas específicas da vida da criança, sentindo, por isso, necessidade de afirmar o seu papel e autoridade parentais através de disciplinar a criança. É também possível que em alguns casos este papel caiba mais ao pai do que à mãe.

Ainda que a literatura encontrada conduza a resultados díspares, os resultados deste estudo vão na linha do referido por Newland et al. (2008), que demonstram a ocorrência de uma relação positiva entre o apoio social e o envolvimento paterno.

Tal como aconteceu com o stress parental, também o apoio social tem um contributo baixo na predição do envolvimento paterno (5%).

Neste sequência, confirma-se a hipótese colocada (Hipótese 4), a qual previa que o stress parental e/ou o apoio social se constituíssem como preditores do envolvimento paterno (pais com níveis mais baixos de stress parental e pais com níveis mais elevados de apoio social – em termos do número de pessoas da rede e/ou satisfação com esta – estariam mais envolvidos com os filhos, em pelo menos um dos domínios deste envolvimento), mas não na

totalidade, uma vez que um dos resultados obtidos face ao stress parental (Criança), aponta para uma relação positiva, em lugar de negativa, com o envolvimento paterno (Disponibilidade).

6. Conclusão

Neste ponto salientam-se as principais conclusões da pesquisa empreendida, faz-se referência às limitações do estudo e sugerem-se pistas para investigações futuras.

O presente estudo foca o envolvimento paterno, o stress parental e o apoio social em pais de crianças em idade escolar (6-9 anos). Os resultados obtidos demonstram que, tal como esperado, há variações nas dimensões em estudo em função de variáveis da criança (Objectivo1), e que elas se relacionam com variáveis dos pais (Objectivo2). Em particular, os pais dos rapazes tendem a estar mais envolvidos com os filhos no que respeita à disciplina, considerando os pais das crianças mais velhas que dispõem de uma rede de apoio social, com um maior número de pessoas para facultar apoio. Por sua vez, no que se refere às variáveis parentais, destacou-se que os pais mais velhos são os que experimentam níveis mais baixos de stress no desempenho do papel parental, destacando-se ainda que pais com níveis de escolaridade mais elevados se envolvem mais na disciplina dos seus filhos e percebem possuir uma rede de apoio social maior. Capta-se igualmente que os pais com um maior número de filhos estão mais presentes para estes e tendem a evidenciar níveis mais elevados de stress parental decorrente das suas próprias características. Por outro lado, os resultados indicam que quando os cuidadores principais da criança são ambos os progenitores (e não apenas a mãe), os pais estão mais envolvidos com os filhos ao nível dos cuidados, disponibilidade e presença, apresentando níveis mais baixos de stress parental decorrente da interacção com a criança, bem como uma rede social com um maior número de pessoas para facultar apoio. Acresce que os pais que percebem um maior grau de envolvimento nos cuidados e educação dos seus filhos do que esperavam, estão mais envolvidos com estes (cuidados, disponibilidade, presença e disciplina), e referem níveis mais baixos de stress parental (resultante da interacção com a criança, das características desta e das suas próprias características).

Numa outra linha, foi encontrada uma relação do stress parental com o apoio social (Objectivo3). Especificamente, níveis mais baixos de stress parental decorrentes da interacção com a criança e das características dos pais associam-se com uma maior satisfação

com a rede de apoio social, o que vai de encontro ao esperado e é congruente com a literatura encontrada.

O stress parental e o apoio social revelaram-se preditores do envolvimento paterno (ainda que tenham um contributo baixo) (Objectivo4), de tal forma que os pais com níveis mais baixos de stress decorrentes da interacção com a criança, estão mais envolvidos nos cuidados dos seus filhos e mais disponíveis para estes. Acresce que os pais que percebem ter uma rede de apoio social maior estão mais envolvidos com os seus filhos ao nível da disciplina.

Das quatro hipóteses colocadas (uma delas com duas alíneas), todas foram confirmadas, com excepção de uma, confirmada apenas em parte (Hipótese 4).

Relativamente às limitações do presente estudo, salienta-se, em primeiro lugar, o facto de a amostra ser de conveniência, com a recolha a ser realizada apenas num local (Agrupamento de Escolas de Coruche), não sendo as conclusões generalizáveis para a população. Realça-se também uma outra limitação, que diz respeito ao procedimento adoptado na aplicação dos questionários, já que estes foram entregues aos pais via professora da criança, e recolhidos pela professora, não tendo a investigadora uma interacção directa com os pais, o que poderá ter impedido, em alguns casos, o esclarecimento de dúvidas que pudessem surgir. Note-se, contudo, que se procurou minimizar o efeito desta situação, facultando aos pais o contacto da investigadora para esclarecimento de eventuais dúvidas. Uma outra limitação prende-se com os instrumentos utilizados serem de auto-relato, pelo que teria sido importante também a utilização de instrumentos de hetero-avaliação que permitissem um cruzamento com a informação recolhida através da auto-avaliação. De salientar ainda a natureza essencialmente correlacional do estudo, não possibilitando o estabelecimento de nexos de causalidade.

Apesar das limitações referidas, considera-se que o presente estudo constitui um contributo válido ao permitir alargar o conhecimento acerca de uma temática pouco investigada quer no contexto internacional, quer nacional.

É necessário, contudo, prosseguir-se com o desenvolvimento de investigações dirigidas para as dimensões em análise, que permitam compreender melhor a relação entre elas, com recurso a uma amostra representativa da população e em que haja a inclusão de diferentes informantes (por exemplo pais e mães de uma mesma criança), com vista a uma comparação das suas perspectivas.

Dada a saliência de algumas das variáveis sociodemográficas consideradas, em estudos futuros dever-se-á controlar o efeito deste tipo de variáveis. Futuramente seria também pertinente a exploração de alguns dados que não foram analisados, designadamente a relação das dimensões estudadas com variáveis relativas ao casal (e.g., duração da relação).

Seria interessante a realização de uma pesquisa que analisasse o envolvimento paterno em diferentes fases do desenvolvimento da criança e averiguasse se há alteração na relação do envolvimento paterno com o stress parental e o apoio social em função da fase de desenvolvimento.

Uma vez que os resultados do presente estudo indiciam que o stress parental e o apoio social podem ter consequências para o envolvimento paterno, poderá ser importante o desenvolvimento de acções preventivas que fomentem o apoio social e limitem o stress parental (sendo que o incremento do número de pessoas que facultam apoio pode ter já um efeito positivo no stress parental), as quais devem ter também em consideração características dos pais e da criança, designadamente sociodemográficas. Desta forma estar-se-á a contribuir para facilitar a paternidade, reforçando o papel que o pai tem vindo a adquirir ao longo dos últimos anos e que se revela de extrema importância para o desenvolvimento das crianças.

7. Referências bibliográficas:

- Abidin, R. R. (1990). Introduction to the special issue: The stresses of parenting. *Journal of Clinical Child Psychology, 19*, 298-301.
- Abidin, R. R. (1992). The determinants of parenting behavior. *Journal of Clinical Child Psychology, 21*, 407-412.
- Abidin, R. R. (1995). *Parenting Stress Index - Manual* (3ª ed.). Odessa: Psychological Assessment Resources.
- Abidin, R. R., & Santos, S. V. (2003). *Índice de Stress Parental (PSI) - Manual* (1ª ed.). Lisboa: CEGOC-TEA.
- Adamsons, K., O'Brien, M., & Pasley, K. (2007). An ecological approach to father involvement in biological and stepfather families. *Fathering, 5*, 129-147.
- Arendell, T. (1996). Co-parenting: Review of the literature. *National Center on Fathers and Families, 1-20*.
- Baker, D. B. (1994). Parenting stress and ADHD: A comparison of mothers and fathers. *Journal of Emotional and Behavioral Disorders, 2*, 46-50.
- Baker, C. K., Perilla, J. L., & Norris, F. H. (2001). Parenting stress and parenting competence among latino men who batter. *Journal of Interpersonal Violence, 16*, 1139-1157.
- Balancho, L. S. (2004). Ser pai: Transformações intergeracionais na paternidade. *Análise Psicológica, 22*, 377-386.
- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: A process model. *Child development, 55*, 83-96.

Beltrame, G. R., & Bottoli, C. (2010). Retratos do envolvimento paterno na actualidade. *Barbarói. Santa Cruz do Sul*, 32, 205-226.

Benzies, K. M., Harrison, M. J., & Magill-Evans, J. (2004). Parenting stress, marital quality, and child behavior problems at age 7 years. *Public Health Nursing*, 21, 111–121.

Biller, H. B., & Kimpton, J. L. (1997). The father and school-age child. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (4^a ed., pp. 1-18). New York: John Wiley & Sons.

Bonney, J. F., Kelley, M. L., & Levant, R. F. (1999). A model of fathers' behavioral involvement in child care in dual-earner families. *Journal of Family Psychology*, 13, 401-415.

Bouchard, G., Lee, C. M., Asgary, V., & Pelletier, L. (2007). Father's motivation for involvement with their children: A self-determination theory perspective. *Fathering*, 5, 25-41.

Cabrera, N. J., Tamis-Lemonda, C. S., Lamb, M. E., & Boller, K. (1999). *Measuring father involvement in the early head start evaluation: A multidimensional conceptualization*. Washington: National Conference on Health Statistics.

Cabrera, N. J., Tamis-LeMonda, C. S., Bradley, R. H., Hofferth, S., & Lamb, M. E. (2000). Fatherhood in the twenty-first century. *Child Development*, 71, 127-136.

Cabrera, N. J., Fitzgerald, H. E., Bradley, R. H., & Roggman, L. (2007). Modeling the dynamics of paternal influences on children over the life course. *Applied Development Science*, 11, 185-189.

Cabrera, N. J., Shannon, J. D., & Tamis-LeMonda, C. (2007). Fathers' influence on their children's cognitive and emotional development: From toddlers to pre-k. *Applied Development Science*, 11, 208-213.

Cia, F., D’Affonseca, S. M., & Barham, E. J. (2004). A relação entre o envolvimento paterno e o desempenho acadêmico dos filhos. *Paidéia*, 29, 277-286.

Cobb, S. (1976). Social support as a moderator of life stress. *Psychosomatic Medicine*, 38, 300-314.

Coley, R. L. (1998). Children’s socialization experiences and functioning in single-mother households: The importance of fathers and other men. *Child Development*, 9, 219-230.

Copeland, D., & Harbaugh, B. L. (2005). Differences in parenting stress between married and single first time mothers at six to eight weeks after birth. *Issues in Comprehensive Pediatric Nursing*, 28, 139–152.

Crnic, K. A., Gaze, C., & Hoffman, C. (2005). Cumulative parenting stress across the preschool period: Relations to maternal parenting and child behaviour at age 5. *Infant and Child Development*, 14, 117-132.

Crnic, K. A., & Greenberg, M. T. (1990). Minor parenting stresses with young children. *Child Development*, 61, 1628-1637.

Crnic, K., & Low, C. (2002). Everyday stresses and parenting. In M. M. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting* (vol. 5, pp. 243-267) London: Lawrence Erlbaum Associates.

Deater-Deckard, K. (1998). Parenting stress and child adjustment: Some old hypotheses and new questions. *Clinical Psychology: Science and Practice*, 5, 314-332.

Deater-Deckard, K. (2005). Parenting stress and children’s development: Introduction to the special issue. *Infant and Child Development*, 14, 111-115.

Deater-Deckard, K., & Scarr, S. (1996). Parenting stress among dual-earner mothers and fathers: Are there gender differences? *Journal of Family Psychology*, 10, 45-59.

Fagan, J., Bernd, E., & Whiteman, V. (2007). Adolescent fathers' parenting stress, social support, and involvement with infants. *Journal of Research on Adolescence, 17*, 1-22.

Featherstone, B. (2004). Fathers matter: A research review. *Children & Society, 18*, 312-319.

Fitzgerald, H. E., Mann, T., & Barratt, M. (1999). Fathers and infants. *Infant Mental Health Journal, 20*, 213-221.

Flouri, E. (2005). *Fathering & child outcomes*. New Jersey: John Wiley & Sons.

Ford, J. J., Nalbone, D. P., Wetchler, J. L., & Sutton, P. M. (2008). Fatherhood: How differentiation and identity status affect attachment to children. *The American Journal of Family Therapy, 36*, 284-299.

Gomes, A. J., & Resende, V. R. (2004). O pai presente: O desvelar da paternidade em uma família contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 20*, 119-125.

Gomez, R. M. (2005). O pai: Paternidade em transição. In I. Leal (Ed.), *A psicologia da gravidez e da parentalidade* (pp. 257-278). Lisboa: Fim de século.

Hall, R. E., Livingston, J. N., Henderson, V. V., Fisher, G. O., & Hines, R. (2007). Post-modern perspective on the economics of african american fatherhood. *Journal of African American Studies, 10*, 112-123.

Harmon, D. K., & Perry, A. R. (2011). Fathers' unaccounted contributions: Paternal involvement and maternal stress. *Families in Society: The Journal of Contemporary Social Services, 92*, 176-182.

Hawkins, A. J., Bradford, K. P., Palkovitz, R., Christiansen, S. L., Day, R. D., & Call, V. R. (2002). The inventory of father involvement: A pilot study of a new measure of father involvement. *The Journal of Men's Studies, 10*, 183-196.

Hawkins, A. J., & Palkovitz, R. (1999). Beyond ticks and clicks: The need for more diverse and broader conceptualizations and measures of father involvement. *The Journal of Men's Studies*, 8, 11-32.

Heath, H. (2004). Assessing and delivering parent support. In M. Hoghughi & N. Long (Ed.), *Handbook of parenting: Theory and research for practice* (pp. 311-333) London: Sage.

Hofferth, S. L. (2003). Race/ethnic differences in father involvement in two-parent families: Culture, context, or economy? *Journal of Family Issues*, 24, 185-216.

Houzel, D., Emmanuelli, M., & Moggio, F. (2004). *Dicionário de psicopatologia da criança e do adolescente*. Lisboa: CLIMEPSI.

Hung, J. W., Wu, Y. H., & Yeh, C. H. (2004). Comparing stress levels of parents of children with cancer and parents of children with physical disabilities. *Psycho-oncology*, 13, 898-903.

Instituto Nacional de Estatística (2011). *Classificação portuguesa das profissões 2010* (versão 2011). Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.

Jou, Y. H., & Fukada, H. (1996). Influences of social support and personality on adjustment of Chinese students in Japan. *Journal of Applied Social Psychology*, 26, 1795-1802.

Kessler, R. C., Price, R. H., & Wortman, C. B. (1985). Social factors in psychopathology: Stress, social support, and coping processes. *Annual Review of Psychology*, 36, 531-72.

Lamb, M. E. (1987). Introduction: The emergent american father. In M. E. Lamb (Ed.), *The father's role: Cross-cultural perspectives* (pp. 3-25). Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates.

Lamb, M. E., Pleck, J. H., Charnov, E. L., & Levine, J. A. (1987). A biosocial perspective on paternal behavior and involvement. In, J. B. Lancaster, J. Altmann, A. S. Rossi, & L. R. Sherrod (Eds.), *Parenting across the life span: Biosocial dimensions* (pp. 111-142). New York: Aldine de Gruyter.

Lamb, M. E. (1997). *The role of the father in child development* (4th ed.). New Jersey: John Wiley & Sons.

Lamb, M. E. (2000). The history of research on father involvement: An overview. In H. E. Peters, G. W. Peterson, S. K. Steinmetz, & R. D. Day (Eds.), *Fatherhood: Research, interventions and policies*. New York: The Haworth Press.

Lamb, M. E., & Tamis-LeMonda, C. S. (2004) The role of the father: An introduction. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (44th ed., pp. 1–31). New Jersey: Wiley.

Leal, I. (2005). *A psicologia da gravidez e da parentalidade*. Lisboa: Fim de século.

Lee, C.Y., & Doherty, W. J. (2007). Marital satisfaction and father involvement during the transition to parenthood. *Fathering*, 5, 75-96.

Lima, J. A. (2008). *O tempo e as formas de envolvimento do pai em tarefas de socialização dos filhos em idade pré-escolar* (pp. 1-15). Actas do 1º Congresso Internacional em Estudos da Criança. Braga: Universidade do Minho.

Macias, M. M., Saylor, C. F., Haire, K. B., & Bell, N. L. (2007). Predictors of paternal versus maternal stress in families of children with neural tube defects. *Children's Healthcare*, 36, 99-115.

Marks, L., & Palkovitz, R. (2004). American fatherhood types: The good, the bad and the uninterested. *Fathering*, 2, 113-129.

Mash, E. J., & Johnston, C. (1990). Determinants of parenting stress: Illustrations from families of hyperactive children and family of physically abused children. *Journal of Clinical Child Psychology*, 19, 313-328.

Matta, D. S., & Knudson – Martin, C. (2006). Father responsivity: Couple processes and the coconstruction of fatherhood. *Family Process*, 45, 19-37.

Mehall, K. G., Spinrad, T. L., Eisenberg, N., & Gaertner, B. M. (2009). Examining the relations of infant temperament and couples marital satisfaction to mother and father involvement: A longitudinal study. *Fathering*, 7, 23-48.

Monteiro, L., Veríssimo, M., Santos, A. J., & Vaughn, B. E. (2008). Envolvimento paterno e organização dos comportamentos de base segura das crianças em famílias portuguesas. *Análise Psicológica*, 3, 395-409.

Moreira, J. M., Andrez, M., Moleiro, C., Silva, M. F., Aguiar, P., & Bernardes, S. (2002). Questionário de Apoio Social (Versão Portuguesa do “Social, Support Questionnaire”): Tradução e estudos de validade. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación Psicológica*, 13, 55-7.

Newland, L. A., Coyl, D. D., & Freeman, H. (2008). Predicting preschoolers’ attachment security from fathers’ involvement, internal working models, and use of social support. *Early Child Development and Care*, 178, 785-801.

Noppe, I. C., Noppe L. D., & Hughes, F. P. (1990). Stress as a predictor of the quality of parent-infant interactions. *Journal of Genetic Psychology*, 152, 17–28.

Oelofsen, N., & Richardson, P. (2006). Sense of coherence and parenting stress in mothers and fathers of preschool children with developmental disability. *Journal of Intellectual & Developmental Disability*, 31, 1-12.

Ostberg, M., & Hagekull, B. (2000). A structural modeling approach to the understanding of parenting stress. *Journal of Clinical Child Psychology*, 29, 615-625.

Palkovitz, R. (2002). *Involved fathering and men’s adult development: Provisional balances*. Londres: Lawrence Erlbaum Associates.

Palkovitz, R. (2007). Challenges to modeling dynamics in developing a developmental understanding of father-child relationships. *Applied Development Science, 11*, 190-195.

Palkovitz, R., & Palm, G. (2009). Transitions within fathering. *Fathering, 7*, 3-22.

Paquette, D. (2004). Theorizing the father-child relationship: Mechanisms and developmental outcomes. *Human Development, 47*, 193-219.

Parke, R. D. (1996). What determines father's involvement? In R. D. Parke (Ed.), *Fatherhood* (pp. 73-114). Cambridge: Harvard University Press.

Parke, R. D. (2002). Fathers and families. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting: Being and becoming a parent* (Vol.3, pp. 27-74). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.

Pierce, G. R., & Sarason, I. G., & Sarason, B. R. (1991). General and relationship-based perceptions of social support: Are two constructs better than one? *Journal of Personality and Social Psychology, 61*, 1028-1039.

Pleck, J. H. (2002). Paternal involvement: Revised conceptualization and theoretical linkages with child outcomes. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (5th ed., pp. 58-93). New Jersey: John Wiley & Sons.

Pleck, J. H., & Masciadrelli, B. P. (2004). Paternal involvement by U.S. residential fathers: Levels, sources, and consequences. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (4th ed., pp. 222-271). New Jersey: John Wiley & Sons.

Pleck, J. H. (2007). Why could father involvement benefit children? Theoretical perspectives. *Applied Development Science, 11*, 196-202.

Pleck, J. H. (2010). Fatherhood and masculinity. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (5th ed., pp. 27-57). New Jersey: John Wiley & Sons.

Poeta, S., & Neto, F. (2004). Estudo epidemiológico dos sintomas do transtorno do deficit de atenção/hiperactividade e transtornos de comportamento em escolares da rede pública de Florianópolis usando a EDAH. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 26, 150-5.

Quinn, P. (1999). Supporting and encouraging father involvement in families of children who have a disability. *Child and Adolescent Social Work Journal*, 16, 439-454.

Ribeiro, J. L. P. (1999). Escala de satisfação com o suporte social (ESSS). *Análise Psicológica*, 3, 547-558.

Rodrigues, V. B., & Madeira, M. (2009). Suporte social e saúde mental - revisão de literatura. *Revista da Faculdade de Ciências da Saúde do Porto*, 6, 390-399.

Ricci, L. A., & Hodapp, R. M. (2003). Fathers of children with down's syndrome *versus* other types of intellectual disability: Perceptions, stress and involvement. *Journal of Intellectual Disability Research*, 47, 273-284.

Roggman, L. A., Boyce, L. K., Cook, G. A., & Cook, J. (2002). Getting dads involved: Predictors of father involvement in early head start and with their children. *Infant Mental Health Journal*, 23, 62-78.

Russel, G., & Radojevic, M. (1992). The changing role of fathers? Current understandings and future directions for research and practice. *Infant Mental Health Journal*, 13, 296-311.

Santos, H. M. (2011). *A satisfação conjugal e o envolvimento paterno*. Dissertação de Mestrado Integrado não publicada. Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa, Lisboa.

Santos, S. V. (2001, Setembro). *Portuguese version of the Parenting Stress Index (PSI): Differences in stress experience described by mothers and fathers*. 6th European Conference on Psychological Assessment, Aachen.

Santos, S. V. (Outubro, 2008). *Forma reduzida do Parenting Stress Index (PSI): Estudo Preliminar*. XIII Conferência Internacional Avaliação Formas e Contextos. Braga: Universidade do Minho.

Sarason, I.G., & Sarason, B.R. (1982). Concomitants of social support: Attitudes, personality characteristics, and life experiences. *Journal of personality*, 50, 331-344.

Sarason, I. G., Levine, H. M., Bashman, R. B., & Sarason, B. R. (1983). Assessing social support: The Social Support Questionnaire. *Journal of Personality and Social Psychology*, 44, 127-139.

Sarason, I. G., Sarason, B. R., Shearin, E. N., & Pierce, G. R. (1987). A brief measure of social support: Practical and theoretical implications. *Journal of Social and Personal Relationships*, 4, 497-510.

Sarason, B. R., Pierce, G. R., Shearin, E. N., Sarason, I. G., & Waltz, J. A. (1991). Perceived social support and working models of self and actual others. *Journal of Personality and Social Psychology*, 60, 273-287.

Schoppe - Sullivan, S. J., McBride, B. A., & Ho, M. – H. R. (2004). Unidimensional *versus* multidimensional perspectives on father involvement. *Fathering*, 2, 147-163.

Silva, M. R., & Piccinini, C. A. (2007). Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno: Um estudo qualitativo. *Estudos de Psicologia*, 24, 561-573.

Simões, R., Leal, I., & Maroco, J. (2010a). Paternal involvement in a group of fathers of elementary school children. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 11, 339-356.

Simões, R., Leal, I., & Maroco, J. (2010b). *Escala de envolvimento paterno: Um estudo de validação de um instrumento*. Lisboa: Placebo Editora.

Simons, L., Ingerski, L. M., & Janicke, D. M. (2007). Social support, coping, and psychological distress in mothers and fathers of pediatric transplant candidates: A pilot study [abstract]. *Pediatric Transplant, 11*.

Siqueira, M. M. (2008). Construção e validação da Escala de Percepção de Suporte Social. *Psicologia em Estudo, 13*, 381-388.

Stroebe, W. (1995). *Social psychology and health*. Buckingham-Philadelphia: Open University Press.

Thompson, R. A. (2003). Fatherhood research: The next generation. *Parenting: Science and Practice, 3*, 261-264.

Vaz Serra, A. (2011). *O stress na vida de todos os dias* (3ª ed.). Coimbra: Dinalivro.

Wallston, R. S., Alagna, S. W., DeVellis, B. M., & DeVellis, R. F. (1983). Social support and physical health. *Health Psychology, 2*, 367-391.

Wijnberg-Williams, B. J., Kamps, W. A., Klip, E. C., & Hoekstra-Weebers, J. E. (2006). Psychological distress and the impact of social support on fathers and mothers of pediatric cancer patients: Long-term prospective results. *Journal of Pediatric Psychology, 31*, 785-792.

Anexos

ANEXO I

Ficha de Recolha de Informação

Ficha de Recolha de Informação

Data de preenchimento: ___/___/___

Dados relativos ao pai

1. Idade: _____

2. Escolaridade:

4 anos de escolaridade

6 anos de escolaridade

9 anos de escolaridade

12 anos de escolaridade

Curso Técnico-Profissional

Curso Superior

3. Profissão: _____

4. Estado Civil:

Solteiro

Casado/União de facto

Desde quando? _____

Divorciado/Separado

Desde quando? _____

Viúvo

Desde quando? _____

5. Número de casamentos/uniões de facto _____

6. Com quem vive? _____

7. Número de filhos/as: _____

Dados relativos à criança

8. Sexo: Masculino Feminino

9. Idade: _____

10. Ano de escolaridade: _____

11. A criança alguma vez reprovou? Não Sim

Se sim, em que ano (anos) de escolaridade? _____

12. A criança tem algum problema de saúde? Não Sim

Se sim, especifique qual: _____

13. A criança é filha de ambos os membros do casal? Não Sim

Se não, ela é:

Filha do elemento masculino do casal

Filha do elemento feminino do casal

Neste caso, há quanto tempo vive com o casal? _____

14. Quem é o cuidador principal da criança?

Mãe

Pai

Outro: _____

As duas questões que se seguem remetem para a sua perspectiva sobre o envolvimento nos cuidados e educação da criança.

15. Relativamente ao grau de envolvimento que considera ter nos cuidados do seu filho ou filha, e tendo em conta a sua expectativa inicial, assinale com um X a afirmação que mais se adequa à sua situação.

Estou muito mais envolvido do que esperava	Estou mais envolvido do que esperava	Estou tão envolvido quanto esperava	Estou menos envolvido do que esperava	Estou muito menos envolvido do que esperava

16. Relativamente ao grau de envolvimento que considera ter na educação do seu filho ou filha, e tendo em conta a sua expectativa inicial, assinale com um X a afirmação que mais se adequa à sua situação.

Estou muito mais envolvido do que esperava	Estou mais envolvido do que esperava	Estou tão envolvido quanto esperava	Estou menos envolvido do que esperava	Estou muito menos envolvido do que esperava

Anexo II

E-mail Enviado ao Agrupamento de Escolas de Coruche

Lisboa, 28 de Novembro de 2011

Exma. Sra. Directora do Agrupamento Escolas de Coruche

No âmbito do Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, eu, Ana Isabel Lopes Arrais, encontro-me a realizar uma investigação cujo objectivo é estudar a relação entre o envolvimento paterno, o stress parental e o apoio social em pais (homens) de crianças em idade escolar (dos 6 aos 10 anos).

Nesta sequência, venho requerer a V. Exa. autorização para efectuar a recolha de dados na instituição que dirige. Para uma melhor explicitação das características quer do estudo, quer do tipo de colaboração solicitada gostaria de averiguar a sua disponibilidade para agendarmos uma reunião para o efeito.

Agradecendo desde já toda a atenção dispensada, apresento os melhores cumprimentos

Ana Isabel Lopes Arrais

Anexo III

Informação Apresentada aos Pais

Exmo. Senhor

O meu nome é Ana Isabel Lopes Arrais e, no âmbito do Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, estou a realizar uma investigação, subjacente à dissertação de Mestrado, que se centra na relação pai-filho/a e nos factores que a influenciam. Esta investigação tem a supervisão científica da Prof. Doutora Salomé Vieira Santos.

O estudo em causa incide na análise da relação entre o envolvimento paterno, o stress parental e o apoio social. Pretende-se dar um contributo para uma compreensão mais alargada destas dimensões no pai de crianças em idade escolar, considerando-se que um melhor entendimento das características da paternidade e do que a influencia poderá contribuir para que, no futuro, se possam desenvolver formas de ajuda mais eficazes a pais que dela necessitem.

A presente investigação abrange pais (sexo masculino) de crianças com idades compreendidas entre os 6 e os 10 anos de idade.

Venho, assim, solicitar a sua participação nesta investigação, a qual implicará o preenchimento de três questionários, demorando cerca de 15-20 minutos. A sua participação na investigação é inteiramente voluntária.

O preenchimento dos questionários é feito de forma anónima, e a informação disponibilizada é estritamente confidencial, sendo usada apenas no âmbito do tratamento global dos dados.

Caso tenha alguma questão ou dúvida sobre a investigação poderá contactar: ana.i.l.arrais@gmail.com.

Muito obrigada pela sua atenção.

Anexo IV

Consentimento Informado

Caso aceite participar nesta investigação, por favor, faça uma rubrica no local abaixo indicado, bem como na cópia que figura na página seguinte (e que lhe será entregue), subscrevendo assim a sua autorização.

Declaração de Consentimento Informado

Fui informado do objectivo da investigação e declaro que aceito colaborar voluntariamente na mesma.

(Rubrica do Participante)

Data____/____/____

ANEXO V

Folha de Instruções Entregue aos Pais

Caro Participante,

Se aceitou participar na investigação, encontrará a seguir as indicações sobre como deve proceder.

Primeiramente, irá encontrar uma Ficha de Recolha de Informação e em seguida três questionários: 1) Escala de Envolvimento Paterno; 2) Índice de Stress Parental e 3) Questionário de Apoio Social. Em relação aos questionários 1) e 2) centre-se sempre no seu filho ou filha que frequenta o 1º ciclo. Se tiver mais do que um/a filho/a em idade escolar, responda tendo em conta apenas um dos seus filhos.

Por favor, responda a todos os questionários, seguindo as instruções correspondentes a cada um deles e faça-o de forma individual (sem consultar a opinião de outros).

Procure ser o mais sincero possível nas suas respostas. Não há respostas certas ou erradas, interessa-nos apenas a sua opinião.

Verifique se respondeu a todos os itens de cada questionário.

Depois de finalizar o preenchimento dos questionários, deverá colocar todo o material no envelope previamente fornecido, fechá-lo e entregá-lo à Professora do seu filho ou filha, até ao fim de Janeiro.

Caso queira receber alguma informação relativa aos resultados obtidos, por favor, deixe o seu contacto.

Muito obrigada pela sua colaboração.